O Livro



Do Que

Jorge Xerxes

Os Elementos Do Que

Pergunte a uma criança 3

As caminhadas do que 5

A minha história em 3D 14

Parto sem destino rumo ao sul 16

Trevo de quatro folhas..... 29

Aborto..... 31

Sobre o autor..... 66

Pergunte a uma criança



Por que o céu é azul?

Por que não podemos olhar diretamente para o sol?

Por que a mata é verde?

Por que o meu Deus é melhor que o seu?

(ou por que não existe Deus?)

Por que não gostamos das lagartas,

quando elas devoram as folhas,

mas amamos as borboletas?

Por que nós somos mais inteligentes que os outros animais?

Por que a água mata a sede?

Por que os dentes caem para depois nascerem novos,

e mais fortes?

Por que as vacas são sagradas na Índia,

se elas não falam?

E o que será que elas ruminam em silêncio?

Por que o barquinho de papel não afunda?

Por que, num giro completo,

voltamos sempre ao mesmo lugar?

Se chove,

por que as gotas caem do céu?

E se não chover?

Ficarão lá para sempre as nuvens?

De onde vêm os bebês?

Para onde vão as aves migratórias?

Por que o palhaço nos faz rir,

se depois do espetáculo ele parece triste?

Existe mesmo alguém do outro lado da TV?

Por que as formigas carregam gravetos?

Por que vemos as estrelas à noite?

E quando a gente dorme,

por que os olhos se fecham?

Por que sonhamos,

se é tudo mentirinha?

Por que existe uma resposta certa para cada coisa?

As caminhadas do que



19 de outubro 2016

Hoje, caminhando pela praia,

encontrei pedras,

elas eram claras,

de verde mar para o branco.

Eu não sei o número delas,

mas eu as carreguei comigo.

Com estas pedras, você não entenderia,

que eu ainda não sei o número delas,

tenho muito o de aprender.

Pedras roladas,

posso ouvi-las noites inteiras.

17 de outubro 2016

Estas cartas narram, com a maior isenção possível, da geometria do símbolo. De antemão é lembrado ao leitor que tudo aquilo que é descrito passa, ao menos, por dois filtros naturais da subjetividade, tais quais àquele de quem escreve o episódio tanto o outro de quem se aventura a sua descoberta. Posto isso, imagina-se três segmentos de retas verticais. Um segmento de reta horizontal é sobreposto à imagem anterior, na parte de baixo. Sobrepondo a esta imagem formada, estão duas curvas ascendentes, com taxas de crescimento distintas. Estas últimas duas curvas lembram os quadrantes inferiores direitos de duas elipses. E elas partem próximo de uma origem imaginária, definida pelo primeiro dos segmentos de retas verticais – aquele à esquerda – e o segmento de reta horizontal inferior. Eu poderia desenhar o símbolo. Ainda assim, para o seu próprio bem, seria melhor que você o apreendesse.

12 de outubro 2016

Chamam-me de J. ou X., mas J. e X. não são nomes. Assertivas aparentemente ficcionais como esta levam a reflexão acerca da questão que diz respeito à realidade ou à irrealidade. Assim como a longa carta, redigida de próprio punho e destinada a M., cujo conteúdo desconhecemos. Se M. não a encontrou, ou não a leu, esvazia-lhe em absoluto a sua razão de existir. E, talvez, ela tenha caído em mãos erradas, o que seria ainda pior. Neste caso, tanto eu, J., quanto ela, M., corremos risco de morte. Há verdades que jamais deveriam ser ditas (ou escritas). Mas não posso me furtar de narrar a falta que um simples cigarro me faz enquanto rabisco estas poucas linhas. (Que M. guarde sempre em sua memória o que restar de doce, e não um improvável cinzeiro, repleto de cinzas).

14 de outubro 2016

Mesmo tendo ficado sem contato com T., parece que nunca deixamos de nos falar, pensou P. P. guardou-a num canto específico de suas lembranças, para vir buscá-la depois, inteira, pele contra pele. T. era pequena, dessas mulheres compactas, com bunda e seios apetitosos, facilmente eriçáveis pelos carinhos na nuca, beijos no pescoço e uma mordidela no lobo da orelha. A pele macia de T., o tato da mão de P. pegando firme na bunda de T., trazendo-a para junto de si, imprensando o seu pinto bem apertado dentro da boceta dela. Grave, guarde na memória, até um possível gemido de T., o seu gozo e um secreto beijo de entrega total. Guarde, mas venha retirar depois. Sanduichar T. contra o colchão, na posição de frango assado. Preenchê-la, separar suas carnes urge. Beijá-la a boca, úmida de vida.

19 de outubro 2016

O caminho destas caminhadas é a paz.

O sol, a iluminação interior.

E agradecer ao universo.

Passo a passo, a cada passo do que.

22 de outubro 2016

As escrituras neste momento, ao pôr do sol, processam-se em múltiplas camadas: há aquilo que realmente precisaria ser dito; mas há também uma trama ficcional que corre à revelia. Agora o vento sopra, rente à areia, moldando e polindo a realidade. É essa a artimanha de fluir através do tempo. O dia vai sendo desconstruído em noite. Assim, desliga-se o sol da tomada. As estrelas vão se acendendo len-ta-men-te, uma aqui, outra acolá, para que não seja possível calcular o seu número. E quando a gente se dá conta, a noite devorou o dia. E o seu número, aquele das estrelas no céu, permanece envolto em mistério. Este é o momento sagrado em que o sol fecunda a noite.

19 de outubro 2016

O deserto trás consigo dos seus descaminhos. O bólido vermelho de fogo através das dunas, de motor a combustão de gasolina Volkswagen 1.6l. O motorista Expedito, aquele mesmo das “causas impossíveis”, natural de Jericoacoara. Foi próximo à pedra furada, retornando pela trilha, quando J. propôs: vamos contornando a falésia, caminhando pela praia! A. não acreditava, era praticamente inconcebível para A. que Expedito e o seu bólido vermelho conseguissem mudar de frequência, de nível, vindo do alto da falésia, resgatá-los em baixo, na praia. J. disse (e insistiu): Vamos por aqui, A., não tem por que tomar a subida de volta, Expedito nos pegará aqui embaixo, se formos contornando pela praia. Mas A. subiu. Seguiu o seu caminho.

18 de outubro 2016

É recente a minha fascinação pela ideia de confinamento. E este é tão somente um problema de escala, como o ajuste de uma frequência no rádio, que nos limita de todas as outras possíveis programações musicais, ao mesmo tempo em que imprime próprio ritmo. Milênios se passaram desde a constatação de Hermes Trismegistus, segundo a qual assim como aquilo que está acima é aquilo que está abaixo. A ideia das pedras celestes, que impõem o seu limite em direção àquilo que denominamos de macrocosmo, tendo como contrapartida as partículas subatômicas, de decaimento rápido, forjando um novo limite na direção do chamado microcosmo. Observa-se, porém, no crepúsculo do segundo milênio D.C., o chamado século XX, quando o esgotamento da reserva transcendente estava prestes a sucumbir ao racionalismo em seu estado bruto, estas duas ideias: (1) O princípio da incerteza de Heisenberg, segundo o qual, podemos determinar a posição de uma partícula em prejuízo a noção de sua velocidade. (2) A teoria da relatividade de Einstein, aplicável em grande escala, limitando a capacidade de observação dos eventos à velocidade da luz, ao mesmo tempo em que propõe noções interessantíssimas, como a curvatura do espaço-tempo. São, pois, estas duas ideias, aparentemente sufocantes, respectivamente, no âmbito dos eventos no microcosmo e no macrocosmo (à medida que nos impõem limites), as mesmas a impulsionarem a exploração das esferas transcendentes. Porque, ora, se o princípio de Heisenberg é limitante sob o aspecto observacional das partículas subatômicas, ele permite o vislumbre de uma nova percepção sobre

partículas de grande energia e decaimento rápido, capazes de transmudar a matéria de um estado a outro, pela troca simultânea de energia. Noutro extremo, está a teoria da relatividade de Einstein, que ao impor um limite observacional dos eventos à velocidade da luz, fez muito mais ao descortinar um novo cenário do céu, onde as trocas em grande escala se dão pela extinção de estrelas em buracos negros, arrastando quantidades absurdas de energia e matéria através de um remoinho, simetricamente projetado para o fluxo dessa matéria e dessa energia em uma posição remota, pela gestação de uma supernova. Isso tudo, pelo simples problema de escala da percepção humana, pode nos parecer muito distante (extrínseco), quando, em verdade, é de natureza intrínseca aos processos do quotidiano, à vida. E, se pensa que estou mentindo, a forjar uma estória apenas, vale lembrar-se do ciclo de alimentação e eliminação dos dejetos, aos quais cada criatura está sujeita. Também e, sobretudo, ao ritmo da inspiração e da expiração do organismo humano. Ritmo, pulso, dança, movimento atrelam-nos à essência dos seres animados. Esta frequência, sintonia fina, é o que leva ao céu ou ao inferno de si para com o outro, do universo para consigo. Reside aí o cerne para a ligação (conexão) da criatura na natureza.

20 de outubro 2016

A décima sexta e a décima sétima pedras foram encontradas muito distantes ao longo da praia. J. ficou contente por ter ido ao encontro delas. Quando a onda do mar recuava, em vazante sobre a décima sexta pedra, a água espirrava para o alto em spray, refletindo a luz do sol. A pedra era rolada, branca, rosa e trazia alguns riscos e trincas marrons, isso incrementava ainda mais o efeito. É óbvio que aquelas inscrições na pedra traziam, nada mais, nada menos, que a localização da décima sétima pedra, em “tão tão distante”. J. foi buscá-la, um processo que era quase o inverso. Enquanto isso, A. era muito braço, muita perna, muito cigarro, muita cerveja e soluço. A. não compreendia que era fase de libertar-se, não de reter para si.

21 de outubro 2016

A areia, correndo com o vento, sobre a superfície das dunas, parece criar um tecido movediço de ar imiscuído com o pó de pedra, o então denominado estado híbrido sólido-gasoso. A forma desaparece lentamente através desse limiar do que foi pedra para dar o seu lugar aquilo que é oxigênio, nitrogênio, gás carbônico. O estado inalterado não passa de utopia da mente nas caminhadas do que.

16 de outubro 2016

Você é formada pelo Sol

cada poro seu uma Estrela

o seu corpo é Éter que hei de Sorver

(para a nossa Transcendência)

em fusão da minha Carne com a tua

não há Arrebatamento maior

quando duas Criaturas se dispõem

a Foder.

18 de outubro 2016

Viajando com A. pelos sertões, me apercebi que A. era A. e, ao mesmo tempo, já não era A. Eu, cá do meu lado, continuava sendo eu mesmo, J., o bom e velho J., se é que assim poderia ser dito. O sol fazia-me muito bem, o cérebro pensava bem, intuía, iluminado pelo sol. A. distanciava-se de A. e de J. à medida que submergia em seu mundo interior. Era como se A. consumisse a sua própria energia, um buraco negro mental que arrastava consigo toda a negatividade do mundo. As “coincidências” ruins aconteciam. Eu tentava ajudar

A., mas A. estava mudando de espírito. Era como o processo de um buraco negro drenando-se para gerar uma supernova. Eu tentava apenas flutuar ao entorno, sem me deixar drenar. A., eu vou à Marte quando eu voltar.

12 de outubro 2016

Levo uma cartinha escrita a mão, com estes malditos alfarrábios, e dois vasos de plantas minúsculas, super delicadas, com as quais presentearei M. na festa antecipada do seu aniversário. Ela nasceu no dia 16, o mesmo dia de minha avó D. Não esquecer isso. Nem de cada pessoa por detrás de cada signo.

17 de outubro 2016

“Uma mão direita

deu a mão a esquerda

um olho esquerdo

olhou pro olho direito

uma perna direita

trançou outra perna esquerda

do útero nasceram flores

ela fez as pazes

com a parte dela

que era ela

a mãe, a irmã

o feminino sagrado.”

A. partiu sem deixar vestígios. Nunca saberemos ao certo se foi A. quem deixou J. ou se foi J. quem deixou A. Mais um desses mistérios em que cada

um dos sujeitos carrega consigo parte da razão, mas a nenhum deles é facultada a visão ulterior da verdade. São como as linhas a serem preenchidas por signos, os cacos de azulejos que virão a compor um novo mosaico. O que parte de mim é o desejo de paz interior e prosperidade para A. e para J. – onde é que eles estejam!

12 de outubro 2016

Existiu um peixe elétrico. Um peixe elétrico individual dentre a espécie de todos os peixes elétricos como ele. Este peixe elétrico já morreu. Mas antes, ele habitou o mar. Vivenciou a sua existência naquele ambiente líquido e marinho. Conheceu algas amigas e a luz do sol. Assombrou-se com correntes de água salobra supergeladas. A sua vida pode afetar em nada as leis da natureza e a imensidão do universo. Mas ninguém pode tirar dele, deste singelo e finado peixe elétrico, o fato inquestionável dele haver existido... um dia.

16 de outubro 2016

N. sentia-se preenchida na piscina do hotel. A simples imaginação a deixava excitada, seus seios se eriçavam, a pele das costas, a parte anterior dos braços era puro arrepio, mas o melhor e o mais intenso vinha das contrações de sua xoxota. Trinta e um graus, o vento refrescante da beira mar, uma caipirinha de vodca com morango. A pele ardendo ao sol e depois um mergulho súbito, de corpo inteiro, na piscina. Muita liberdade e hormônios demais para aquele corpo em tenra idade. Era pura a ebulição.

20 de outubro 2016

A forma da folha de um coqueiro em planta, vista através de sua sombra na areia, com o sol a pino, lembra a coluna vertebral, com as suas respectivas ramificações nervosas periféricas, é uma analogia para a medicina (e deve ser também o caminho de mínima energia). No deserto, pouco é muito.

18 de outubro 2016

O deserto é de múltiplas camadas verdes, o sol queima a pele, o maior dos órgãos do ser humano. Isso seria comum de se ler escrito por aí, mas naturalmente incomum por estar sendo lido agora. Reflita sobre isso. O tempo estancado, extraído do contexto, trata disso apenas: a ideia da subjetividade, desdobramento; num análogo ao sol, queimadura; num análogo ao deserto, areia; num análogo às distâncias, anos-luz.

21 de outubro 2016

Pego B. com as mãos firmes em seus quadris. Trago de encontro, com violência, em direção ao meu pinto. Este, por sua vez, eu cravo ele todo e profundo dentro da xota molhada de B. Meu nome é J., mas J. não é nome. Meu nome é X., mas X. não é nome. Meu nome preenche a xota de B., que se contrai de um gozo demorado. Aumento a frequência das ondas de choque. Resta o farfalhar de corpos se batendo na penumbra, entremeado aos gemidos de B. Ah... ainda posso ouvi-los. Estado de ser delirante. Estado de que. A cabeça e a cabeleira de B. afundadas no travesseiro, comigo a imprensá-la com o meu quadril e o meu pinto. Todo ele a insuflá-la de tesão. Égua sendo fodida por trás, a posição predileta de B. Ontem você estava aqui, hoje já não está, B. Parece que foi ontem que botei reparo no seu corpo de felina, refestelada, ao vento e ao sol. Nem Bob Marley entenderia ou saberia descrever nos versos de seus reggaes. Nada posso fazer senão creditar ao universo, creditar ao criador o milagre da vida. Acreditar que mesmo o que termina começa de novo nas caminhadas do que.

A minha história em 3D



Eu fui sendo levada pelo rio, arrastada pela força de suas águas, eu vi peixes, até que eu me acomodei num depósito aluvial, numa curva de rio, e lá eu fiquei confinada, entre outros sedimentos, porque a correnteza já não me levava. Não era isso que eu tinha nos meus planos. Mas isso foi antes, muito antes.

E um dia ela quis fazer para você um poema, como um daqueles de Vinícius de Moraes ou de Chico Buarque, mas ela não era poeta. E aquelas suas poesias lhe pareciam muito estranhas, como vórtices, com um gargalo muito estreito, quase hermético, na sua capacidade de absorver silêncios, mesmo em meio a tantas palavras. Ela achava aquelas tuas poesias até bonitinhas, só que elas não lhe diziam nada. Mesmo assim, ela queria fazer um poema para você.

O mundo dá voltas. O tempo passou e um dia eu fui recolhida. Fizeram então um bloco úmido de mim, in natura, como tantos outros blocos, dispostos numa prateleira. Era então essa a minha sina. Uma espécie de corpo amorfo, despido de qualquer significado senão minha própria matéria, sem um espírito a me animar. E não era isso que eu tinha nos meus planos.

Olha cara, eu te amo, mas o plantio nesse terreno tem pouca chance de ser fértil, porque o meu coração já derramou lágrimas demais. E eu preciso de atenção, de segurança, de carinho; assim como aqueles que eu dispenso para com as plantas do meu jardim. E eu sinceramente não sei se você é capaz disso. Eu preciso que você me prove, mas as provas podem doer em você

muito mais do que você é capaz de suportar. E será então, que valerá a pena para você? Ou você se perderá no caminho, assim como eu certa vez me perdi? Eu quero você caminhando ao meu lado, mas você precisará entender da minha dor, aceitar-me como sou e, ainda assim, achar isso bom. Olha cara, eu te amo, mas seja o que Deus quiser. Era essa a poesia que ela queria escrever. Mas isso não era poesia. E ela não a escreveu.

Eu sei disso porque um dia ela me tomou em suas mãos e me modelou carinhosamente, imbuindo-me de um espírito, de um significado enquanto me acariciava, definindo em mim curvas doces, superfícies suaves, com as suas mãos molhadas na água, para o acabamento final. Depois, com um palito de dentes, ela tatuou signos em ambos as superfícies abaloadas com a sua mão canhota. Estes signos que eu não sei dispor em palavras. Do que eu já pude descrever, dá pra você imaginar que eu não fui alfabetizada, mas eu posso senti-los, porque eles já fazem parte de mim.

E, sem nenhum aviso, ela me tocou no fogo alto do forno, me deixando lá por mais de três horas! Depois pincelou a superfície cuidadosamente com verniz acrílico, revestindo-me de carinho, de esperança. Para que eu renascesse da argila, na forma de um coração.

Sempre que eu penso nisso, em vir a ser o que eu sempre quis, agradeço a ela por ter tido a ideia de acreditar na minha matéria simples, no barro, como meio de expressão mais sublime. E esta história eu escrevi para você, que cuida de mim com zelo, mesmo depois de tanto tempo.

Olha cara, um dia o mundo vai acabar. Um asteroide gigante vai se chocar com a Terra e você sabe disso, só finge que não sabe. Isso já aconteceu antes, bem antes. Esse seu planetinha comparado ao céu, é como um grão de caulinita, de ilita, ou de vermiculita, sendo levado através do leito de um rio pelo poderoso fluxo hidrodinâmico, um único grão, como um dia eu fui. Mas enquanto isso não acontece, enquanto há vida, cuida de mim, que eu cuido de você. Isso ela não disse, não escreveu, sou eu que estou te dizendo.

Parto sem destino rumo ao sul



Agora são doze horas e doze minutos, o que eu avalio pela fumaça do meu Malrboro, ziguezagueante, através dos raios de Sol, frente a minha vista. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Caminho rápido ao longo de quatro quadras sob um Sol escaldante. O ponto de táxi fica a trinta metros da padaria, onde quero comprar uma coca e um pacote de baconzitos. As duas malas pretas, dessas de couro, antigas, paralelepídecas, com uma alça para a mão, estão pesadas pra caralho. Digo pro taxista olhar minhas malas, enquanto vou até a padaria, que depois pegarei o táxi para a rodoviária. Ele me diz que nem fodendo, eu que cuide de minhas coisas, só tem ele no ponto, vai que chega outro passageiro antes e ele perde a corrida. Eu carrego as malas com muito sofrimento, trinta metros para ir, mais trinta para voltar com minha coca super-gelada e um pacote gigante de baconzitos, minha barba espessa e grisalha toda ensebada, tinha passado a noite toda sem dormir. Os sovacos suados, fétidos. Volto lá e é o mesmo motorista. Digo pra ele, toca para a rodoviária agora então. Ele tenta puxar assunto, eu fico fitando o infinito do céu através do vidro fumê. Lá dentro do veículo tem ar condicionado, mas lá fora está um calor do caralho, sigo pensando. Quando chegamos ao destino, o taxímetro marca vinte e seis reais. Ele me diz que faz por vinte e cinco. Eu saco a carteira, dela uma nota de vinte, outra de cinco e uma moeda de um real. Ele diz que a moeda de um real não precisa. Eu jogo a moeda com força na pança dele e digo, enfia a moeda no teu cu. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Música incidental vindo do smartphone da garota loura de cabelos encaracolados, vindo da mesma fileira do ônibus, três poltronas à esquerda, um amor em cada porto, ah seu eu fosse marinheiro, não pensaria em dinheiro, um amor em cada porto, ah seu eu fosse marinheiro, Adriana Calcanhoto (se não me engano). Solto um peido longo e constante, sem qualquer ruído, pior que o gás mostarda, a senhora da poltrona ao lado me fita com uma expressão de assombro, em poucos segundos, ao menos umas três fileiras de assentos do ônibus sofrem com a implicação de meus atos pregressos: duas coxinhas amanhecidas, um copo de groselha, uma coca e um pacote de baconzitos, que eu comi até o farelo. Eles sofrem calados e resignados, como Jesus Cristo em sua via-crúcis. Rezo pela alma deles, sei que sempre é mais suportável a própria cruz, os próprios gases que aquele do outro, é a lei do carma. Causa e efeito. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Chegando em Porto Alegre, o primeiro lugar em que eu vou é um karaokê chamado Babilônia Club. A temperatura em Porto Alegre está bem mais amena, mas como não tomei banho e viajei horas de ônibus, as mangas de minha camisa estão colando nos meus sovacos, donde se desprende um odor azedo, fétido, de baixa freqüência, que parece distorcer o espaço-tempo ao meu redor, faz de meu corpo uma massa pastosa e amorfa, sustentada apenas por uma frágil estrutura de músculos e ossos gravéticos, por sua vez a carregar duas malas pretas de couro paralelepípedecas. Deixo-as no canto, próximo do balcão e peço um rabo de galo, dois rabos de galo, três rabos de galo, e só então estou pronto para cantar. Escolho a canção Samba da Benção, de Vinícius de Moraes. Atravesso a melodia, erro a letra, e então o DJ acelera o ritmo da música, a casa está cheia, tem uma lista enorme de canções para ele botar e eu estou pagando o maior mico, ainda mais agora, com o Samba da Benção em ritmo de rap. Quando percebo a traquinagem, mando ele ir tomar bem no meio do olho do seu cu, do microfone mesmo, em alto e bom som. Uns perceberam que a música foi drasticamente acelerada e tomam meu partido, outros me vaiam e mandam eu me foder, vai se foder bêbado, grita um bêbado gaúcho alto e magro, usando gola role. Eu grito vai se foder você seu gaúcho viado. O Babilônia Club ferve, vira uma confusão generalizada, copos voam, sopapo pra tudo quanto é lado, eu pego uma garrafa das grandes de Heineken que está pela metade na mesa ao lado e, segurando-a pelo gargalo, dou um golpe só, com toda a minha força, de baixo para cima, estraçalhando-a bem no queixo do DJ, a papada dele abre de fora a fora, descola a pele, agora é sangue jorrando para todo o lado. Nessa hora um merdinha tenta me defender de vários caras que partem pra cima de mim, ele abre os braços entre eu e os caras, é nessa hora que eu escapo, fujo correndo pelos fundos, mas deixo minhas malas para trás. Saio correndo pela rua estreita, gritando filhos da puta, filhos da puta, pela noite escura como o breu. Sem as malas fica mais fácil a minha locomoção e dou graças pelo incidente. As malas que se fodam. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Com muito custo e no limite de minhas forças alcanço o Hotel Scala, faço o check in roçando minha barba e fazendo cara de poucos amigos para o gerentezinho simpático, engomadinho, apenas mais um bosta, subserviente a estrutura de castas sociais, evidente na capital gaúcha. Moleque babaca, eu penso, e respondo ao mínimo possível das perguntas do seu formulário. Para algumas de suas perguntas, eu apenas rosnava, para outras, permanecia em

silêncio fitando-o profundamente, com cara de ódio. Por fim, depois de uns dez minutos, ele se deu por vencido. O seu quarto é o 304, Senhor. Grrrr, eu assenti. Não é que eu seja maleducado, estava apenas cagando e andando para ele, além de realmente cansado. De tudo. Liguei o chuveiro bem quente, tirei minhas roupas. Nesse momento você pode me imaginar, homem de meia idade, um pouco grisalho, barba estilo lenhador, mal desenhada no rosto, um metro e setenta centímetros de altura, uns cento e trinta quilos, obeso, mas um bocado parrudo e peludo pra cacete, enfim, traçando uma analogia, coisa feia de se ver, um cão chupando manga. Permito-me relaxar de pé no box do banheiro, sob a ducha forte e quente, revigorante. O sabonete do Hotel Scala é verde e minúsculo, mal dá para ensaboar as partes. O shampoo, fedido igual a desodorizante de automóvel. Permaneço assim, imóvel, sob essa cachoeira, fitando os azulejos azuis a minha frente, revestindo a parede. O rejunte é praticamente invisível, revestido por uma asquerosa camada verde de musgo. Noutros lugares, onde não há musgo, ou ele se desprendeu, o rejunte é preto de camadas pré-históricas de fuligem, camadas e mais camadas sobrepostas, ignoradas, desprezadas, omitidas pela rotina diária da limpeza, que era parca, apenas uma atividade pró-forma, a qual o administrador do hotel fazia vistas grossas, e os hóspedes desconversavam como se fosse espécie de acordo silencioso revertido em diárias super econômicas. Depois do banho, caí pelado e de costas sobre a cama de casal de molas, as pernas e os braços abertos. Não ouvi, mas devo ter roncado como um porco. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Só quando despertei no outro dia eu me dei conta do quanto estava enrascado, além de ter perdido todos os meus pertences, deixados em duas velhas malas pretas de couro paralelepípedecas, dei falta dos meus documentos, do cartão de crédito e de um montante de dinheiro em espécie que trazia comigo, eu tinha perdido a minha carteira. Eu podia jurar que trazia a carteira comigo, no bolso direito da calça preta de pano, como de costume. Mas não dessa vez. A lei de Murphy é implacável, ela te abraça nos momentos mais singulares, para fazê-lo lembrar de sua força, não a minha, a força dela, para mostrar o quanto é forte a lei. Desço para o café da manhã, mas ele já havia encerrado. O relógio marcava dez horas e quarenta minutos e a entrada para o café da manhã no salão do Hotel Scala se encerrava pontualmente às dez mais trinta, me explicou a recepcionista. Mas isso com algum jeito, boas maneiras, um bom dia, o por favor usado no momento adequado, porta de acesso, passaporte, para as necessidades vitamínicas, de carboidratos, de proteínas, pães diversos e uma boa xícara de café preto. Do salão do hotel eu parti direto para a rua, já

que não tinha um puto no bolso, sai batido do hotel. Caminhei por algumas ruas de Porto Alegre a esmo e com vagar, observando a correria das pessoas, com tantos afazeres, ideias na cabeça, até que dei de frente com uma grande rede de magazines, as Lojas Centauro. Ponderei que se fosse para prejudicar alguém, que fosse um estabelecimento como aquele, uma loja grande, onde o desfalque dividido pelo total das vendas, resultasse num valor tão próximo quanto possível de zero. Disse bom dia para o atendente, pedi para experimentar uma camisa branca social de manga longa, calças pretas também sociais, cuecas samba canção amarelas, meias pretas sociais, cinto e sapatos pretos confortáveis e de couro. O atendente pegou alguns modelos, variações sobre o mesmo tipo de roupa que uso desde os meus vinte e poucos anos, disse para eu usar o provador. As meias e as cuecas eu as tomei furtivamente e as botei nos bolsos de uma das calças, antes de seguir para o provador. Fui até o provador onde deixei dependuradas as minhas próprias roupas, vesti-me com calma, olhei-me no espelho, bem alinhado, agora sim, estava tudo bem. Olhei pelo vão da cortininha e, quando um cliente interpelou o atendente com uma pergunta, deixei rápido o provador e sai andando naturalmente da loja, como se nada tivesse acontecido. Imiscui-me em meio ao vai e vem das criaturas no centro de Porto Alegre, ali eu era apenas mais um, uma simples alma em meio ao cardume de tantas outras, caminhei por quase uma hora, deixando o centro, paralelo às vias que levavam para fora da cidade. Acenei para um caminhão que transportava fardos de lenha. O veículo parou alguns metros a minha frente, no acostamento à direita. Eu perguntei ao motorista para onde é que ele ia, vou levar essa carga para Passos de Torres. Eu pedi uma carona e montei na boleia do Mercedes Benz. Era impressionante, o pen drive do cara só tocava Raul Seixas. Infinitamente. Várias versões de uma mesma música, algumas muito mal gravadas, por sinal, depois outra e mais outra, algumas delas eu nunca tinha escutado, mas era sempre Raul, e o motorista parecia não se importar com isso. Meio sem saco para conversas, perguntei ao motorista se ele gostava de Raul Seixas. Ele não respondeu a minha pergunta. Ele, ao contrário, parecia animado por ter alguém com quem conversar. Contou que vinha de Pelotas, donde tinha saído muito cedo, antes do Sol nascer. Então iriam para Torres, a cidade litorânea mais ao norte do Rio Grande do Sul. O dia era limpo e ensolarado. Veja como o dia está bom para um mergulho no mar, ficar de bobeira na areia, pena que eu tenho de retornar ainda hoje para Pelotas. O motorista contou que bastavam cruzar a ponte sobre o rio, em Torres, e eles estariam em Passos de Torres, já no Estado de Santa Catarina. Lá ele iria descarregar os fardos de lenha, almoçar e tomar a estrada de volta. A volta é sempre mais rápida, sem a carga, mesmo sendo morro acima. Mas ele disse que se fosse sexta, ou dia de sábado, esticaria até Mira Torres, que fica logo adiante de Passos de Torres, que por sua vez é a cidade seguinte de Torres, e teceu explicações sobre a lógica intrínseca destes nomes de cidades gaúcha e catarinenses, na ordem das progressões de suas distâncias. Explicações óbvias, desnecessárias,

dessas usadas por quem está simplesmente querendo manter o diálogo, aplacando a solidão do quotidiano dos motoristas de caminhão. Contou que em Mira Torres ele tinha um amigo, Roberto, sua esposa Beatriz e a filha Fernanda. O motorista e Roberto tinham estudado desde o terceiro ano do fundamental juntos, nenhum deles terminou o ensino médio, mas quanto a isso ele não mencionou a razão. Ele morava numa casa de praia, simples, mas muito bem cuidada. Roberto era pedreiro e ele, o motorista, costumava pernoitar por lá, se era fim de semana e, principalmente, se estivesse fazendo Sol, com o céu limpo, dia quente de verão, para um banho de mar em Mira Torres e um bate papo descontraído com o amigo de longa data. Em nenhum momento o motorista disse o seu nome ou perguntou o meu. Em nenhum momento perguntou o que eu ia fazer por aquelas bandas. Pensei em como os gaúchos são discretos, ou talvez o tipo de pessoa que toma caronas seja um tipo desinteressante, mais um bom ouvido que boa boca, com uma vida vazia e erma, tão contada e recontada que já não lhe dava atenção, ou, por ventura, um misto de ambas as coisas. Eu ajudei o motorista a descarregar os fardos de lenha. Para isso, antes eu tirei a camisa branca social e a dobrei com zelo, deixando-a sobre o assento, na boléia do caminhão. E, depois, feito também o trabalho com calma e cuidado para não suar muito, não sujar a calça preta de pano, também social. Minha única vestimenta. O motorista pagou o almoço num restaurante barato e ainda me deu trinta reais pela ajuda com o trabalho. Você adiantou o meu dia em uma hora e meia, ou duas horas, obrigado e até mais. Então, antes dele partir, perguntei o seu nome. Meu nome é Anderson, ele respondeu, sem perguntar como eu me chamava. Melhor assim, pensei cá com os meus botões. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Com nove reais mais vinte e cinco eu compro uma vodka balalaika bem gelada, e ainda me sobram vinte reais mais setenta e cinco, em cash. Eu estava me sentindo muito bem, com roupas novas, descansado, bem alimentado, o parrudo com a sua barba de lenhador mal desenhada. Sigo tomando a balalaika aos poucos, enquanto caminho de Passos de Torres para Mira Torres. Boas três horas e meia de caminhada, aos goles da vodka barata, que aos poucos ia aquecendo. Mas beber e caminhar era técnica que eu havia desenvolvido desde a adolescência, quiçá, de vidas pregressas, outras encarnações. Quando se bebe ao caminhar, o álcool é absorvido e queimado mais rápido, funcionando como um amortecedor das ideias com ação analgésica concomitante para a jornada. Chegando na praia de Mira Torres, apesar de um leve bafo de álcool, eu ainda me sentia otimista e bem apessoado, cabelo e barba grisalhos, roupa social. Fui perguntando para um

camarada aqui, outro acolá, elicitando, até que, enfim, já quase ao final da tarde, o cara da mercearia me disse, tu segues duas quadras, dobra à esquerda, tu desces uma quadra, vira à esquerda de novo, é no meio dessa quadra, do lado esquerdo, é lá que ele mora. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Dou três socos na porta, não muito fortes, não muito fracos, pancadas assertivas, seguras de si. Roberto. Roberto. Uma linda loura gaúcha, de pele muito branca, olhos muito azuis, bunda e seios firmes, generosos, portando uma cabeleira encaracolada que lhe caia até cinco dedos abaixo da linha dos ombros. Deve ser Beatriz, pensei com os meus botões. Roberto está? O Roberto foi dar um mergulho no mar, ele sempre faz isso no fim da tarde. Já volta. Você deve ser Beatriz, não é? Sim, sou eu mesma, ela faz uma cara de preocupada, talvez pelo inusitado da situação: um cara de estatura mediana, cento e trinta kilos, aquela barba de lenhador mal desenhada, a roupa social, os sapatos pretos, brilhantes, de couro. Eu a acalmei com a minha fala. Eu sou bruxo (amigo, em bom gauches) do Anderson, o motorista, faço frete de carga também, o meu caminhão quebrou, precisou de um conserto, perdi dois pneus e amassei a roda num buraco, numa cratera, deixei no borracheiro em Passos de Torres, ele me disse que é bom com o martelo para desentortar a roda, não tinha onde dormir, passei um rádio para o Anderson, ele disse que não sabia, mas talvez eu pudesse pernoitar na casa de vocês. Ah... pode sim, uma mão lava a outra, o Roberto já chega, são amigos desde antes de eu conhecer o Roberto, o Anderson. Por sorte a Fernanda não está em casa, foi dormir na casa de uma amiga, diz que é trabalho de escola, mas nessa idade, não sei não. Mas a gente também tem o direito de se divertir, não dá pra ficar o tempo todo na cola da menina, né?! Entra, quer um café? O Roberto já vem, senta aí. Passa um café fresco, com calma, com a água aquecida no fogão a lenha, ao invés de filtro de papel, coador de pano, adiciona quatro sementes de cardamomo, eu fico sentado à mesa, a fitá-la. Ela chega com três jogos de xícaras e pires, depois traz o bule de café fresco, fumegante, a saborosa fumaça incensando o ambiente. A porta da sala dá para a praia. Ao longe vejo um homem alto, moreno, tipo atlético, ainda assim magro, que vem caminhando lentamente da praia em direção à casa. Ela acena com a cabeça na direção dele, Roberto. Roberto entra e Beatriz começa a falar. Primeiro me apresenta, esse aí é um amigo do Anderson, diz que teve um problema com o bruto, quer pernoitar aqui em casa. Eu não preciso falar nada, só estendo a mão e digo, prazer Roberto, ele diz prazer amigo do Anderson. Nesse ponto fico imaginando se já não é um absurdo esse desinteresse pelo outro ser humano, coisa de gente dali, muito na deles. Beatriz e Roberto engatam uma

conversa sobre o dia a dia, o que você fez hoje, amor? E aí, deu certo de pegar a nova obra? E a outra, quando termina? Você também tem de descansar, Roberto. Hoje eu estou aqui contigo, não estou, Bia? Eles se beijam, era como se eu fosse completamente invisível, não pertencesse às mesmas dimensões do espaço-tempo do universo deles. E, é bem provável que, de fato, não. Ou talvez tivessem pressentido algo de podre na minha aura, algo cinza, ou denso, ou pesado, ou enuvarado. Roberto me diz, dorme lá no quarto da Fernanda, aqui a gente deita cedo. Ele toma um banho demorado, se arruma devagar, depois vai para o seu quarto. Beatriz já está lá. E assim eu faço também, tomo um banho e me fecho no quarto de Fernanda, quem sou eu para recusar o pernoite. São oito horas e eu me deito, não consigo pregar os olhos, é muito cedo, o sono não vem. Em geral eu durmo tarde, acordo cedo, sofro de insônia. Leio uma antiga revista Manchete, que é o único texto que me agrada no quarto da menina. Nada de Harry Potter, romances adolescentes, livros de ficção, alguma coisa de misticismo, psicologia, religião, não, apenas a revista Manchete, com muitas fotos de celebridades, textos curtos, letras grandes, legendas com os nomes das atrizes, tudo numerado, organizado, então essa gostosa aqui se chama X, e aquela gostosa lá se chama Y. Nunca me lembro dos seus nomes. O rádio no quarto do casal toca Kid Abelha Acústico MTV, num som que, lá dentro, deve estar num volume bem alto. Não demora muito para que os gemidos, gritos truncados de penetração, coisas que eu não sei, mas posso imaginar, que devem estar acontecendo entre Beatriz e Roberto, alguns gritos dele também, mais espaçados, ah..., mete, mete, assim, mete, mete, mete mais, na voz de Beatriz. E isso vai se estendendo, das quinze para as nove até quase uma hora da manhã. A coisa toda acontece em ciclos. São três ciclos de quinze minutos de ação com intervalos de cinco minutos entre eles, completando cada hora de sexo selvagem, pura entrega. O ápice, os orgasmos de Beatriz, parece se estender por quase oito minutos, quando ela uiva baixo, geme, grita abafado mete, mete. O de Roberto é mais pontual e intenso, acontecendo sempre entre o décimo segundo e o décimo terceiro minutos. Mas cada jogo, vamos chamar assim, parece uma nova música, uma nova sinfonia, de diferentes ritmos, outro tipo de encanto. Eu sei disso porque não consigo adormecer até que tudo termine, com o Kid Abelha ao fundo, em modo repeat ao reiniciar o DVD. Resultado: uma taxa de três punhetas por hora para mim, acordo noutro dia com o pau ardendo de esfolado. Ao despertar fico imaginando como eles conseguem foder tanto, fico imaginando quanto amor tem um pelo outro, porque isso é evidente, a marca registrada de cada uma das treze sinfonias de sexo, uma reciprocidade, cumplicidade, um querer amar de deixar qualquer observador cabisbaixo, se sentindo um merda, só de imaginar ser possível existir amor daquele tamanho. Ele com tão pouco, o pau esfolado, a cabeça baixa no café da manhã. Beatriz nem liga, está iluminada, fala, conta da sua vida com alegria à mesa do café, parece cantar, mas fala, um sabiá transmudado na forma de mulher. Roberto, um pouco mais contido, mas milhões de anos luz adiante da insignificância e uma boa dose de

vergonha que me afligiam. Muito. Disse, obrigado, até mais, e sai caminhando pela praia de Mira Torres. Os sapatos e as meias sacados, estes e a camisa branca dobrada eu carregava em minhas mãos, a calça social preta dobrada até pouco abaixo do joelho, seguia sobre a fronteira móvel das ondas na areia, procurando manter a água do mar ao nível de meus tornozelos. Ah... a liberdade. Ah... a liberdade. E, no fim, não é nada disso. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Em Passos de Torres, ainda na orla, cruzo com uma vendedora de brincos, miçangas, biquínis, que, por razões óbvias, me fita ao longe, mas vira o rosto quando estamos nos aproximando. Ela não é feia, apenas um pouco seca demais, com a pele judiada pelo Sol e de caminhar pela praia o dia todo, parece também meio riponga, ou algo mais pesado, deve ter se introduzido recentemente no mundo do crack, ou talvez o limiar entre uma coisa e outra, vai saber. Então eu me dirigi a ela e perguntei, quanto custa este brinco, apontando para um jogo de peças no formato de gotas curvadas, deviam ser de prata, por certo, formas fluidas, como as ondas, como o yin apenas, como o yang apenas, separados um do outro, ideia da mente de algum artesão muito maconheiro e com um bom equipamento para a fusão. Estes custam oitenta reais, meu senhor. E para irmos atrás daquela construção e darmos uma rapidinha, quanto é que fica? Tem camisinha? Tenho. Então são cem reais, ela se empinou, exibindo o corpo. Eu não podia perder aquela chance de liberar o tesão recolhido da noite anterior. Então caminhamos em direção a construção, para trás de um muro de lajes planas pré-fabricadas, bem rente a praia. Além da construção, pela metade, tinha um bocado de areia e um bocado de mato verde, como se a obra tivesse sido abandonada a própria sorte. Ela encostou a bolsa e o quadro com as pratas e as miçangas no muro, tirou a roupa, me pediu a grana e a camisinha. Eu enfiei a mão no bolso, saquei tudo que havia lá e lhe dei. Vinte reais mais setenta e cinco, nada de camisinha. Ela me disse, mas o que é isso? Isso é tudo que eu tenho, pronunciei com um ar desolado e honesto. Olha, você não quer levar umas pulseiras de couro, ela tentou desconversar. Não, eu preciso de você, eu disse. Olha, por isso aí, só se for um boquete, pode ser? Eu assenti com a cabeça, abri o botão da calça de pano, baixei o zíper e a parte da frente da cueca samba canção amarela (para dar sorte). E o meu pau saltou rijo pra frente. Ela me olhou com aquele ar de onde é que eu fui me meter? O meu pau era pequeno e fino, quase sem carne, sem músculo, parecia o osso da coxa de um frango. Com a glande à semelhança das cartilagens da extremidade maior do osso da coxa, o pinto com uma seção fina e a cabeça cheia de pelanca, fimose. Mas ela chupou

bem, enfiou o osso de coxa de frango todo dentro da boca, pressionava a glande em direção a garganta, massageou a cabeça sebenta com a língua, depois roçou de leve a seção do osso com os dentes, então ela o tirou rápido da boca, astuta, enquanto aquele ossinho pulsava e expelia um generoso volume de sêmen. Olha, engolir, eu não engulo. Botou o biquíni, uma canga, pegou a mochila e o quadro de artesanato, e partiu. Deixou-me ali, suando e com o pinto murcho, a cueca samba canção agora arriada até a altura dos meus joelhos. E voltou para o seu trabalho como se nada tivesse acontecido. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Eu boto minhas roupas, deixo a orla e atravesso a ponte pênsil que me transporta de Passos de Torres (SC) para Torres (RS). Entro num restaurante simples, peço um copo d'água da torneira, explico que tive os meus pertences, carteira e celular furtados, o garçom se prontifica a ligar para a polícia, diz que num caso desses é recomendável ao menos que se faça um B.O., mas ele não sabe da minha história, então eu desconverso, digo que é desnecessário, depois eu cuido disso. Conforme os clientes vão deixando suas mesas, peço ao garçom para comer os restos de seus pratos e, logo, já estou almoçado. Agradeço ao garçom pela gentileza, peço desculpas pela situação constrangedora e me despeço. Sigo para fora da cidade, novamente margeando uma rodovia. Tento chamar a atenção dos carros com o dedo polegar da mão direita em movimentos pendulares centrados no cotovelo, indicando o sentido da via, ou, para quem não entendeu, pedindo carona, carona para qualquer lugar. Então pára uma camioneta branca com um grande refrigerador sobre o chassis, dois grandes marfins azuis formando um xis e compondo o logo lateral, placa de Gramado. Na Chevrolet branca estão o motorista e o ajudante que perguntam para onde é que eu vou. Digo que é para Gramado, mal entro no veículo e os dois começam a me contar sobre o trabalho diário do transporte de peixes, pegam o peixe fresco de Passos de Torres e os levam para a distribuição, a comercialização, o abastecimento das cozinhas dos hotéis e restaurantes de Gramado. Falam sobre os diversos tipos de peixes e outros frutos do mar, falam das suas quantidades em kilos, que transportam. Sobre as flutuações do mercado de acordo com as estações do ano, porque um determinado tipo de peixe é mais comum em tal e qual época, menos acessível nas outras, e assim é a dança da vida, de certa forma, a alimentação é apenas mais uma de nossas necessidades guiada pelos ciclos, a interagir com os ciclos de vigília e sono no ser humano, as fases da Lua, os ritmos dos ventos, das correntes oceânicas, estando assim, guardadas as devidas proporções, tudo interconectado, nós todos conectados através de

anzóis, linhas de pesca, redes e outras estruturas de conexão, mesmo as nossas ondas cerebrais, a emitirem pulsos de alta freqüência, que são modulados pela freqüência dos batimentos do coração. Não estou aqui a discorrer sobre sístoles e diástoles apenas, estou, antes, me referindo ao metafísico associado a este órgão de natureza pulsante, vibrante e sensível ao meio, estou a discorrer das nossas escolhas, dos nossos sonhos, ao nível conceitual e potencial de construção da própria realidade, aquilo que verdadeiramente nos anima, nos faz seguir adiante, apesar das adversidades. Estou a tratar da fé, no seu sentido mais amplo. No amor, na caridade, no desejo de ver o outro feliz, em última instância, no anseio pela completude, na realização pessoal, a justificar toda a existência, se é que você me entende. Acho que não. Isso não foram eles que disseram, fui eu que pensei. Sou apenas um passageiro a ouvir, a ouvir, a ouvir, e registrar. Deixar fluir para dentro da mente, imiscuir aos sentidos, tirar as minhas próprias conclusões e sonhos, estes irão se materializar em breve. Sou gestante de ideias. Salto na cidade de Canela. Entro na Catedral de Pedra, escondo-me antes da nave ser fechada. Aqui passarei a noite só e em oração. Imerso aos cheiros de velas sendo queimadas, centenas de milhares de pedidos erguidos aos céus e agradecimentos por graças alcançadas reverberam simultaneamente na cavidade que é o interior daquela nave, edificada exatamente como um neurônio retransmissor do ser humano à divindade, para o equilíbrio de todo o cosmo. Deito-me sobre um banco da Catedral de Pedra e adormeço. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Na manhã seguinte o pároco se assusta ao ver-me deitado sobre um dos bancos da nave roncando como um porco. Mas poucos segundos depois, isso ele me disse depois, estava refeito do susto, porque sabia não se tratar de uma nova aparição de Jesus Cristo ou mesmo um desdobramento do Satanás com muitas cabeças, como fora descrito no apocalipse de São João Evangelista. Apenas um cara grisalho, centro e trinta quilos, parrudo, com a barba de lenhador mal desenhada no rosto, apenas um ser humano comum, sem grandes propensões para o bem ou para o mal, ele avaliou. Nada relacionado à ocorrência dos milagres, nada de possessões ou grandes distúrbios psíquicos, aqueles de natureza psico-cinética, exceção feita ao peido com forte odor de enxofre, ao bafo de centenas de serpentes, aos pêlos que remontam ao Tony Ramos, nada que estivesse de alguma forma relacionada aos mitos do herói ou àquele do asceta. Um bosta, apenas um bosta, com o perdão da palavra, ele me confidenciou. Sem saber como reagir àquela investida, eu disse que havia dormido na Catedral de Pedra porque precisava de confissão. Obviamente

julguei que ele não tivesse qualificação para fazê-lo, e eu sairia ileso daquela sinuca de bico. Pois então vamos tomar um bom café preto, eu preparo, trouxe pão fresco e manteiga com sal, o pão é contado, mas deve sobrar um ou dois filões para você, sempre aparecem visitas inesperadas na hora do café, hoje foi você, depois eu faço a tua confissão. Trato é trato, retruquei. Então eu narrei para ele a história absurda de um cara que, sem norte, decide viajar sem destino rumo ao sul. Mas a história era outra, completamente diferente dessa narrativa sem pé nem cabeça, porque o que eu contei é como a minha vida devia ter sido, e também como é que ela foi, nada de sair por aí mandando os outros tomarem bem no meio dos seus respectivos cus, que se fodessem, cada qual a sua maneira e gosto, mas sim um processo conduzido por tênue encadeamento, de elos, uma fina corrente, filigrana, estes elementos de conexão flexíveis a unir as contas de vidro. Aquilo que eu narrei para o pároco, aquela jóia, era o que eu gostaria que você soubesse, tudo aquilo que eu não soube descrever aqui. Não por vergonha, mas porque de repente a vida se tornou um televisor cuspindo informações aleatórias, nunca uma história com continuidade, com altos e baixos, sim, a modularem a experiência, mas uma história com encadeamento, passível de renovação, de renascimento, como o Sol, como o dia, como a noite, como as fases da Lua. Então eu decidi mentir, omitir, distorcer, não na confissão para o pároco, mas na história paralela, nessa minha narrativa. Porque eu gostava de brincar de Deus, foder com os personagens, na mesma medida que Deus nos outorgou o livre arbítrio, enquanto eu escrevia. E isso tudo era apenas balela, de quem está fugindo, tentando esconder da vida a intensidade, enchendo-a de adornos, furtando-lhe a essência, do significado, e este não sou eu, em definitivo. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

Caminho a pé da cidade de Canela para Gramado. Deixo para trás os meus pecados, deixo para trás a minha narrativa sobre um dos bancos da Catedral de Pedra. Daqui para frente, tudo o que está descrito nesse caderno foi anotado a priori, antes de se manifestar como realidade. Eu escrevo sobre um futuro que eu imagino, esse que é o da narrativa ficcional. Não a ideação mental da semente para a realidade da árvore, essa é outra história. Mas há ainda uma terceira possibilidade. Parto sem destino rumo ao sul.

# # # #

No meio do caminho vejo a sinalização de acesso para uma cachoeira. Caminho por vinte e dois minutos, os vinte e dois minutos mais longos da minha vida. Chego numa clareira que se descortina frente à trilha na mata. Eu vejo rochas, arbustos de hortênsias, borboletas brancas, ao fundo, a banheira cavada na pedra por uma imensa queda d'água. Tiro toda a minha roupa, dobro-a, organizo com zelo sobre uma grande pedra ao Sol, distante da água. Entro na água super-gelada aos poucos, molhar as bolas do saco é quase premonitório, dá um aperto profundo na garganta. Então eu mergulho, dou braçadas parrudas, toscas, porém vigorosas em direção ao centro da cachoeira. Entro debaixo dela, sinto a pressão da água sobre os meus ombros, sobre a minha cabeça. Então subitamente relaxo o corpo, deixo o fluxo me levar para a borda. Faço isso por três vezes. Na quarta investida sinto câimbras fortes em ambas as panturrilhas. Simultaneamente. Depois outra fisgando o abdômen, fazendo eu me curvar, sem reação, apenas tentando respirar, permanecer na superfície. É quando dou com a cabeça forte numa pedra. Aquilo que cada um acredita ser a realidade, a narrativa dum certo homenzinho parrudo ou o exercício da imaginação para a construção da realidade. Esta é a terceira via, como se fossem três as caixas do gato de Schrödinger. Enquanto nas duas primeiras caixas, nunca sabemos em qual delas ele está, só a intuição é bússola precisa, ela vai de encontro ao gato, assim como o gato procura por ela. Enfim.

# # # #

Trevo de quatro folhas



trevo de quatro folhas

vou abraçar teu corpo

peito contra peito, pele contra pele

beijar sua boca carnuda, suculenta

que eu devoro

grudar com os meus dentes

ó lóbulo da tua orelha, esquerda

roçar tua nuca com a minha barba

morder o seu pescoço

depois beijá-lo

abraçando-a por trás

vou usar meus dedos,

a minha língua

e o meu pau

para penetrar os teus segredos

ouvir os teus gemidos

olhar fundo nos teus olhos

que é para você saber,

pra quem eu escrevi isso

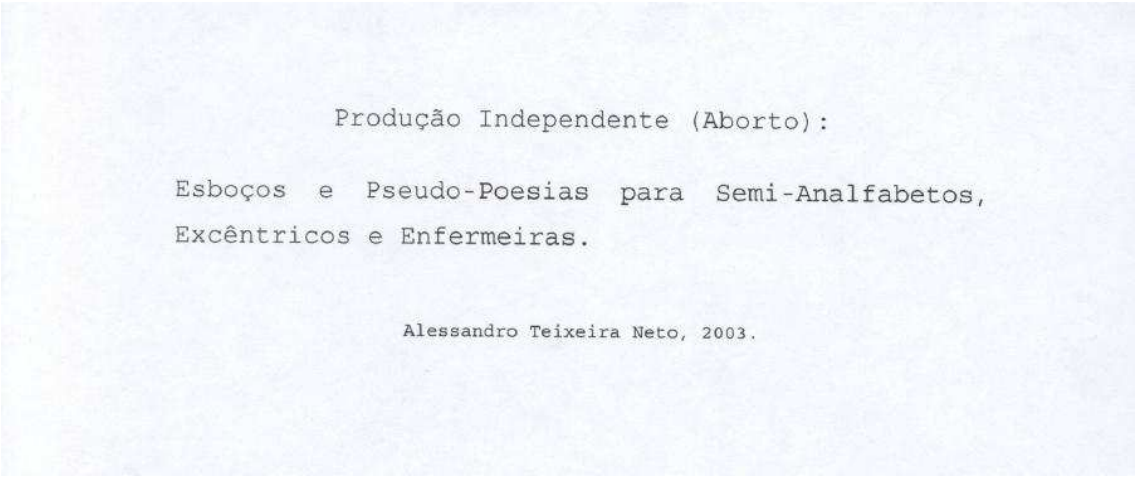
nossos corpos fundem-se nos colos

enfim, um raio nos atinge

parece magia, mas não:

somos apenas nós dois

Aborto



Produção Independente (Aborto):

Esboços e Pseudo-Poesias para Semi-Analfabetos, Excêntricos e Enfermeiras.

Alessandro Teixeira Neto, 2003.



oito

19.911.996

Alessandro Teixeira Neto

intro

deixe suas roupas
esqueça o que você já sabe
seu medo
jogue-o para o alto
seus pensamentos devem ser colocados no bolso da calça
a calça no cesto
para lavar
erradicar os maus pensamentos
ponha um chapéu à sua frente
sapato à esquerda
você no meio
agora tome em uma das mãos o coração
e o que restou
no meio ainda há você
e a seu lado
tudo pode ser você
sapato à esquerda
seu medo
jogue-o para o alto

dois

Fazia frio quando ele acordou. Era sábado de manhã. A campainha havia tocado muito sutilmente e parecia musical demais para ser real. Ele andava muito leve como se fosse o pensamento. Mas a porta ele abriu. Quem é? Não se lembra de mim? O rosto familiar demais. Não havia o que discutir. Os dois entraram. Sentaram no sofá e trocaram algumas idéias. Sorrisos. A vitrola tocava uma música antiga e o som transbordava uma fumaça de luz que os envolvia. Falaram sobre o dia-a-dia. Frases meio monótonas. E ela o havia deixado sentado na mesa de um bar alguns dias atrás. Disse que não queria mais vê-lo. Ele levantou e foi fazer café. Naquele dia ele tinha ficado até o bar fechar, bebendo pinga e poesias tristes. Agora a conversa meio que finalizada. E depois o que é realmente significante. Como está você? Na manhã seguinte a bebedeira tinha deixado cicatrizes. E ela não estava lá. O café estava quente e forte. Saudades. Ela o beijou e abraçaram-se com força. Eles sentiam que seus corpos estavam mais aquecidos que de costume. As pernas aquecidas. E era duro trabalhar, lidar com as pessoas se ela não queria mais vê-lo. Os dias eram longos. E agora beijavam-se ardentemente. Nunca havia sido tão intenso. Real. Quente demais para ser verdade. Seus corpos pareciam queimar. E então seus sentimentos pareciam entorpecidos. Leves como se fosse o pensamento. Um ruído que não era dali. Repetitivo. O nome dele. E finalmente ele acordou. Recordou da noite anterior. Músicas, bebidas depois de um dia longo. Olhou para sua mãe. Ela está aí na sala. Disse que quer falar com você. A bebedeira tinha deixado cicatrizes. Mas ela estava lá.

Das curvas verdes e velhas,
penso sempre nas redes atadas à abismos.
Todo o resto é supérfluo.
Tenha uma mão e a outra te dando adeus
e você terá qualquer outra coisa que quiser.

inseto maldito

Diogo veio caminhando lentamente e sentou-se à sombra da mesma árvore. Deixou suas coisas ao lado. Era um dia quente, quase hora do almoço, céu aberto e a beleza das montanhas que o rodeava.

Ele tirou a palha de um bolso e o fumo e o canivete de outro. Com a experiência e a calma que lhe eram característica, começou a trabalhar no antigo projeto do cigarro perfeito.

Antonio veio caminhando lentamente e sentou-se à sombra da mesma árvore. Olhou para o alto e depois para baixo. Antonio perguntou à Diogo sobre Pedro como quem já sabia a resposta. E Diogo acendeu o cigarro com a certeza de quem deu passos no caminho que escolheu.

Ele disse que um inseto tinha picado Pedro como se fosse uma abelha. No começo tudo era normal como a dor e a coceira. Mais tarde não era assim. E Antonio olhou para o alto. E depois para baixo. Diogo disse que era difícil mesmo para falar. Ele disse que era, na sequência da sucessão dos fatos, como que um outro jeito de ver as mesmas coisas. Uma mudança de cabeça.

Diogo tragou forte e permaneceu um pouco em silêncio. Depois disse que, apesar de tudo, o mais triste é que quase nada mudou. Quando ele olhava no espelho era como se os cabelos saíssem do pescoço, como uma barba muito espessa. O alto do rosto quase careca e a estranha sensação da boca disposta mais alta na face que os olhos. Antonio olhou para o alto e depois para baixo. As orelhas e o nariz alinhados como deveria ser, mas nem tanto. E, como se preparasse a cartada final, Diogo disse: - O rosto de cabeça para baixo.

Começou a ventar. Diogo tragou forte e calou-se por um instante. Antonio quieto, ouvindo. Diogo disse que era sobre algo que as pessoas não viam, mas que Pedro não podia deixar de notar. E então começaram os problemas. Máscaras para andar na rua e a cidade toda estranhou. Ele tentou explicar para a mulher mas ela também não via e não achava necessário. E depois o medo de morrer afogado se babasse. Tomar tudo de canudinho. Os amigos do bar estranharam. As brigas, a mulher se foi, o emprego se foi. Antonio olhou para o alto e depois para baixo.

Diogo tragou fraco, prendeu o cigarro entre o polegar e o indicador e o arremessou longe. E era só. As núvens cobriram o céu. Antonio despediu-se, olhou para o alto, depois para baixo e foi caminhando lentamente. Em casa Maria lhe serviu o almoço e ele disse que a amava, apesar de tudo. Quando saiu para o trabalho, levou consigo o guarda-chuva. Com medo de morrer afogado.

Dormindo debaixo da árvore, Diogo acordou assustado com um trovão. Saiu correndo com o polegar e o indicador tapando as narinas.

cinco

O éster é ao mesmo tempo maior e menor que tua mente,
se consideras, simultaneamente,
o tamanho dela
e do que ela
pensa.
E se pensares no éster desprezível,
tanto menor será o pensamento.
E aí te enganas.
O éster será tão pequeno
que terás pena.
E visto do lugar dele,
tua mente nunca se acaba.

seis

MEU espaço NOME espaço É espaço ponto ponto ponto

OCUPO espaço UM espaço VOLUME espaço VAZIO espaço DO espaço ESPAÇO ponto

PENSO espaço EM espaço TUDO espaço QUE espaço ME espaço CERCA ponto

NAMINHACABEÇANÃOHÁ PARAVOCÊ.

E no espaço do meu peito carrego coração.

O VAZIODOCORAÇÃOESPERAO DETEMPOQUENOS

SEPARA.

sete

As curvas que existem em uma reta serão sempre retas se não nos livrarmos dos antigos preconceitos. E se é monótono o que une o começo e o fim, não se justifica o meio. As cabeças olham torto o que vêem e por isso os olhos pensam torto. Eles já sabem o que verão e o que dirão no inverno. As cabeças olham retas curvas e vêem retas retas. Não existe prova maior.

- x -

Existem cabeças e mais cabeças. Entre elas o meio ambiente, o meio de vida, o meio termo, o meio de comunicação. E nesse ponto o único meio que nos serve é o meio de transporte para longe de duas cabeças. Tomando-o podemos pensar em olhos que separam-se infinitamente das cabeças. E para nossa surpresa os olhos pensarão ser uma só. Voltarão assustados.

- x -

Outro meio de provar? O meio de aumentar é o telescópio e o meio de diminuir, o microscópio. A menor partícula da matéria, o átomo. A partícula mais leve, o peido. A menor partícula que pensa, o olhum. Um olhum é colocado na direção definida entre duas cabeças (o diálogo) e igualmente espaçado das mesmas. O olhum pensa que uma distância infinita separa as cabeças. Deslocando-o perpendicularmente a distância não se altera. (Existem pontos de vista)? A conclusão é que o meio de um olhum é a curva de uma reta, que as cabeças vêem isso e que o maluco é você.

cacto

O tempo de vida de uma garrafa de cerveja está intimamente relacionado à sede
de duas pessoas em lados opostos da mesma mesa.

Aqui neste bar um deserto nos separa.

Eu nele, você fora.

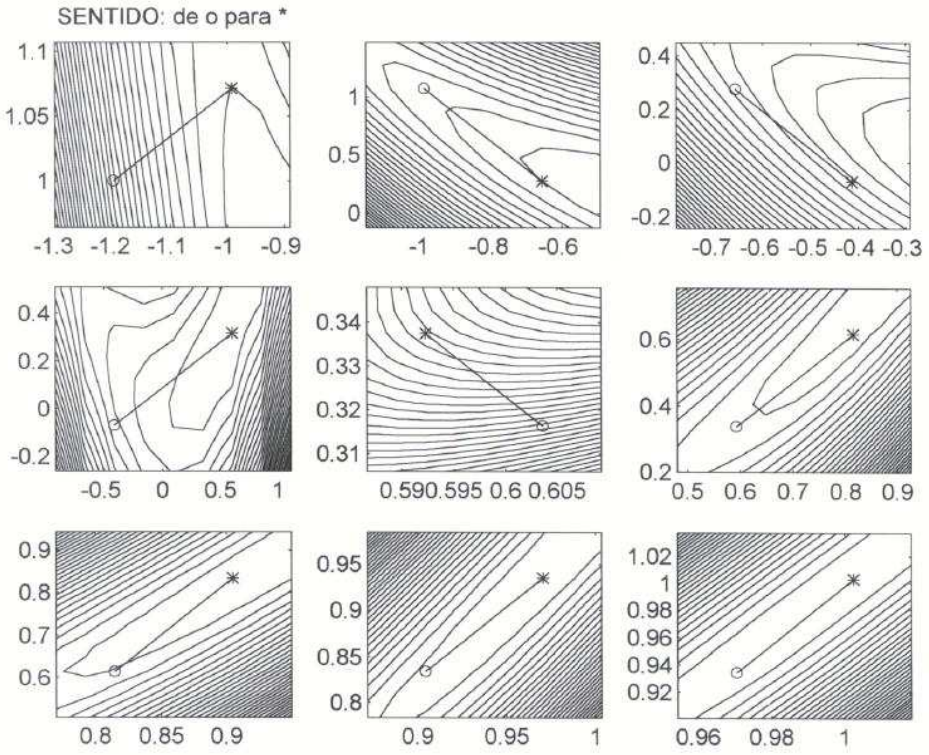
Bebo e você são é tão idiota.

Você não me entende que estou um estrangeiro.

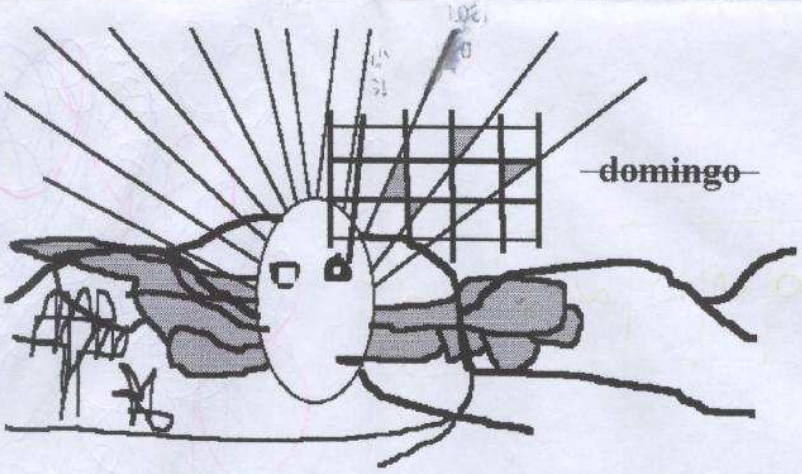
Eu sem cruzeiros no bolso,
você são ainda é um brasileiro.

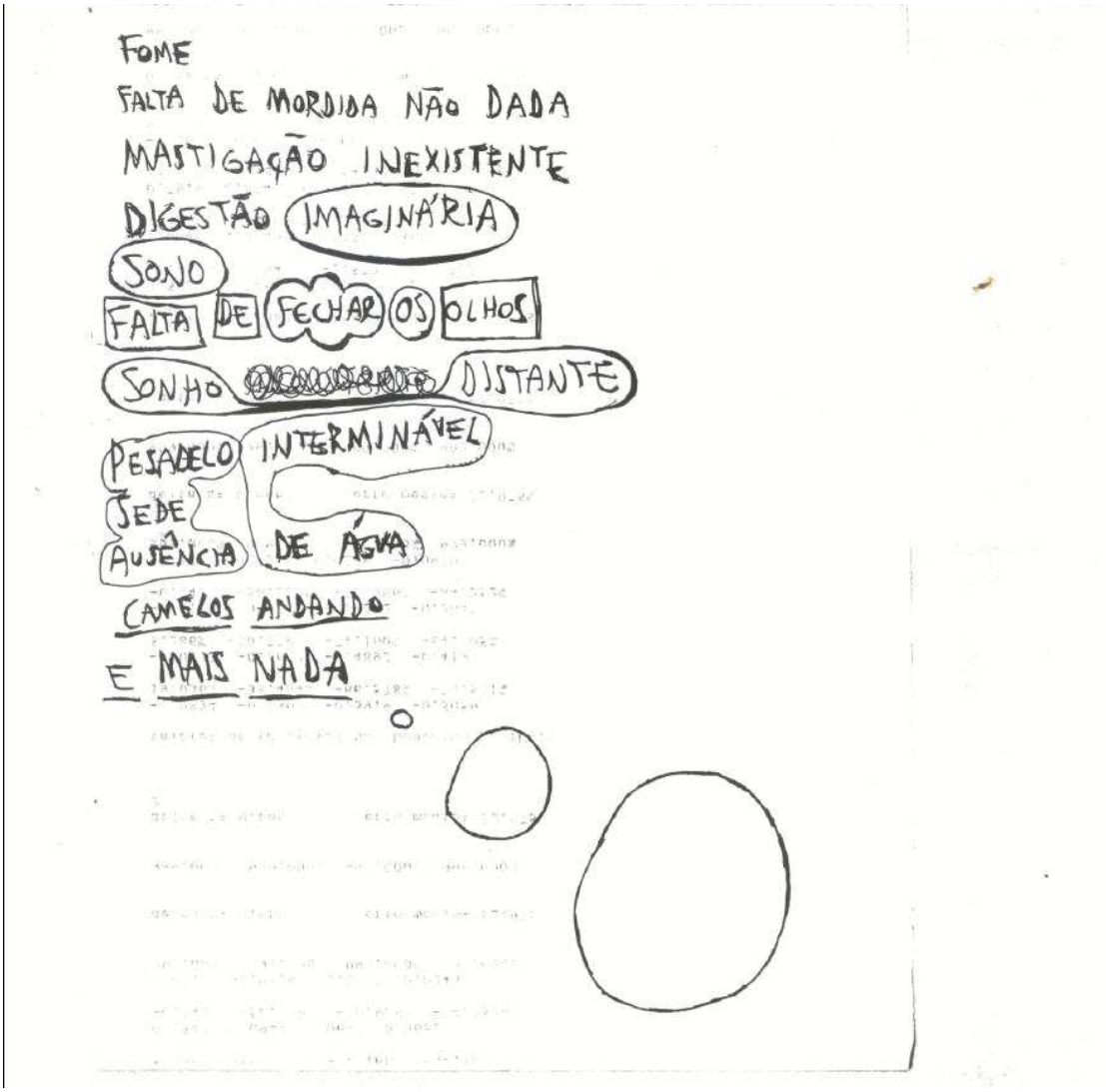
Esta noite você paga a conta.

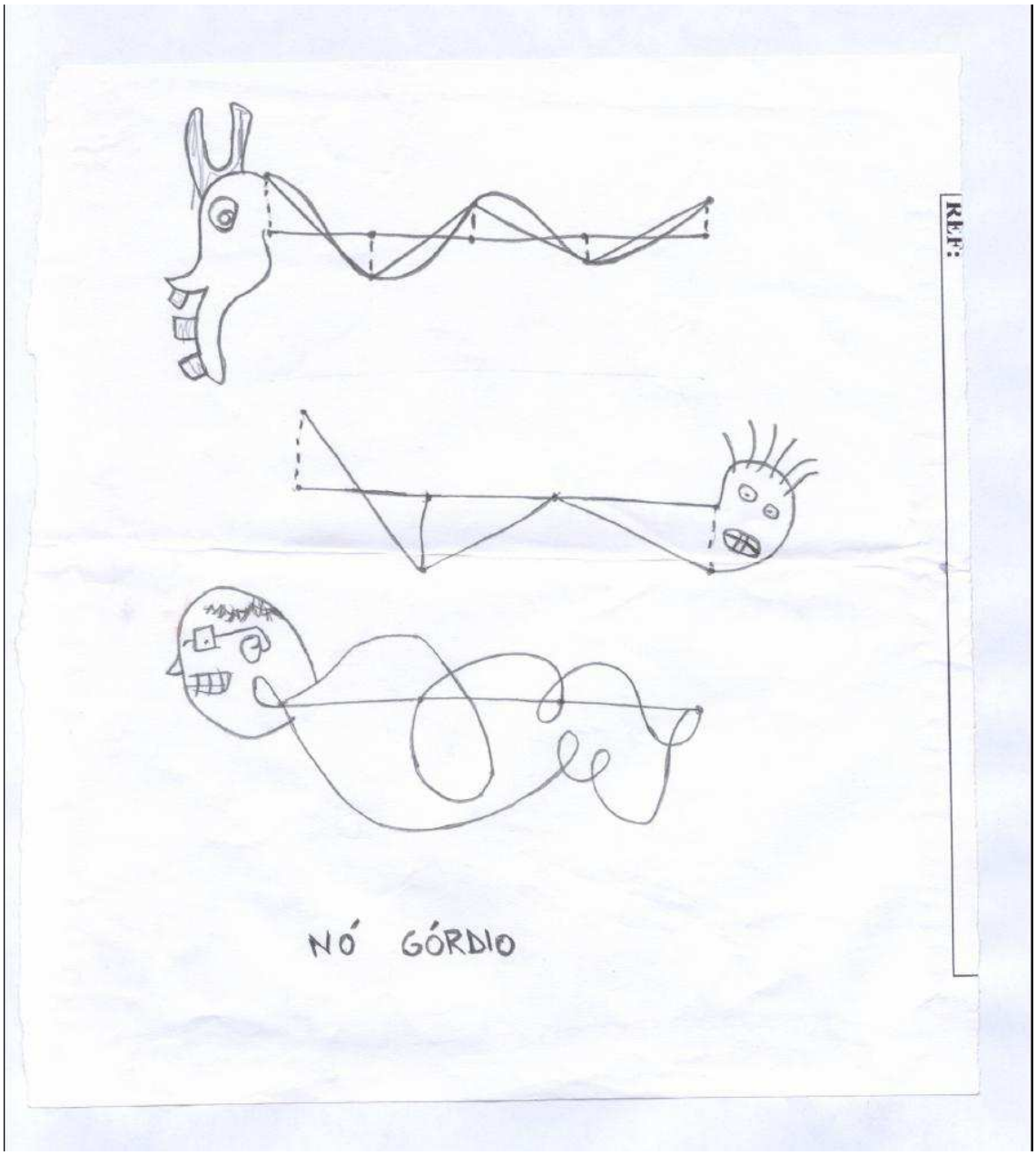
Talvez eu vomite um oásis, três camelos, um harém
e alguns sonhos.


SENTIDO: de o para *
1.1
1.05
1
-1.3 -1.2 -1.1 -1 -0.9
1
0.5
0
-1 -0.8 -0.6
0.4
0.2
0
-0.2
-0.7 -0.6 -0.5 -0.4 -0.3
0.4
0.2
0
-0.2
-0.5 0 0.5 1
0.34
0.33
0.32
0.31
0.590.595 0.6 0.605
0.6
0.4
0.2
0.5 0.6 0.7 0.8 0.9
0.9
0.8
0.7
0.6
0.8 0.85 0.9
0.95
0.9
0.85
0.8
0.9 0.95 1
1.02
1
0.98
0.96
0.94
0.92
0.96 0.98 1

Era domingo de manhã de um dia que ele tinha acordado cedo depois de descansar bastante. Da janela para fora era outono e isso podia ser visto refletido em cada uma das montanhas, na cor verde, no céu e na cor azul. O sol quente e acolhedor. O cidadão comum tinha saído para mais uma caminhada para dentro dele e através dele. Por que ele pensava que estar acordado era a contrapartida de estar dormindo e, assim, outra tarefa. Mas como hoje era domingo, nada de trabalhar. E por causa disso foi preciso ter um café da manhã reforçado, com muitas frutas e água. Pouco antes de deixar a casa o cidadão comum conversou com sua mãe e com sua avó sem trocar olhares, pelo telefone. Domingo é um dia lindo. Ele tinha norteado o caminho para a serra e o que de mais verde houvesse. Depois que ele passou pela primeira porteira, do lado esquerdo da estrada de barro seco estava o malulo para desejar um bom dia. Ele acendeu um cigarro de palha e deixou que a fumaça envolvesse seu rosto como que fazendo-o levitar.




FOME
FALTA DE MORDIDA NÃO DADA
MASTIGAÇÃO INEXISTENTE
DIGESTÃO IMAGINÁRIA
SONO
FALTA DE FECHAR OS OLHOS
SONHO DISTANTE
PESADELO INTERMINÁVEL
SEDE
AUSÊNCIA DE ÁGUA
CAMELOS ANDANDO
E MAIS NADA


REF:
NÓ GÓRDIO

O CEGUETA

Naquele dia o mar recuava e investia sobre as pedras repetidas vezes. Espirrava mais água que de costume. Como uma analogia à confusão mental dele. As gaivotas voavam em câmera lenta. A expressão delas estava mais para o sarcasmo que para a compaixão.

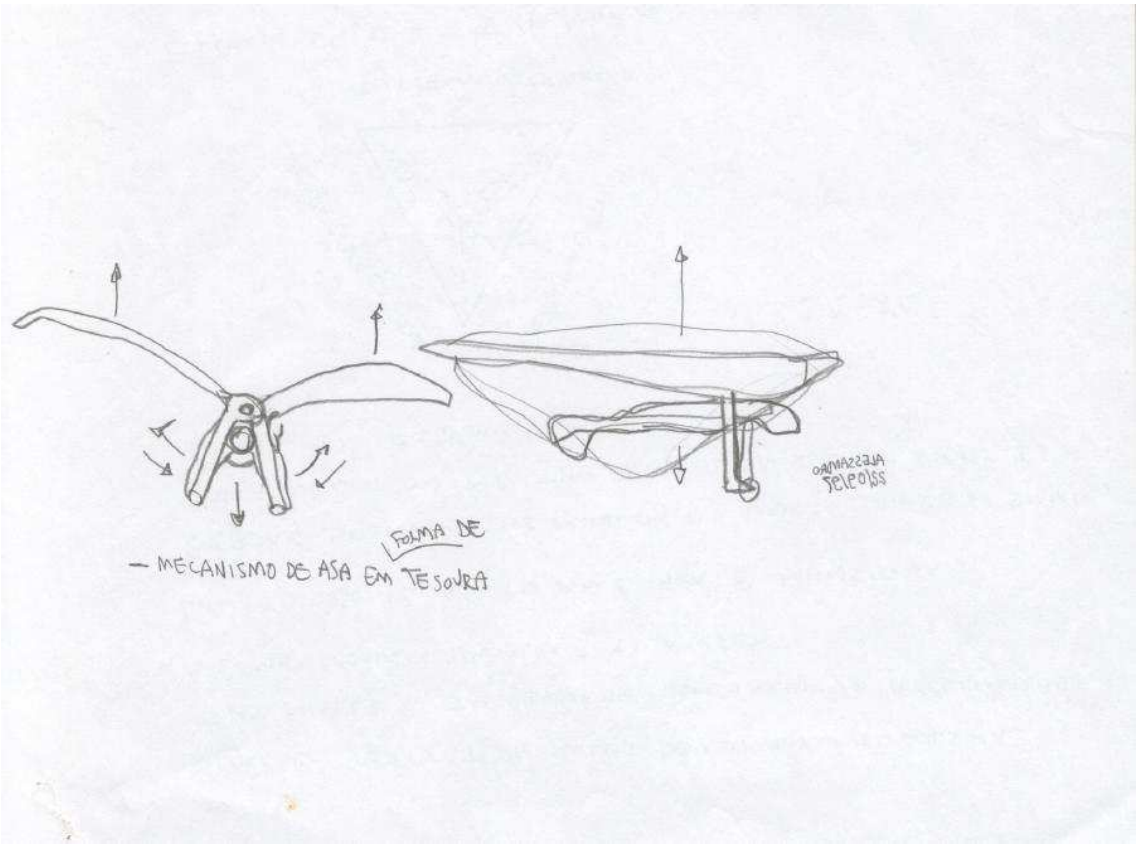
Observando a flexibilidade do gato ele aprendeu sobre a liberdade. Com os cães ele entendeu o sentido do companheirismo e da obediência. E desde cedo herdou dos pássaros o desejo de voar.

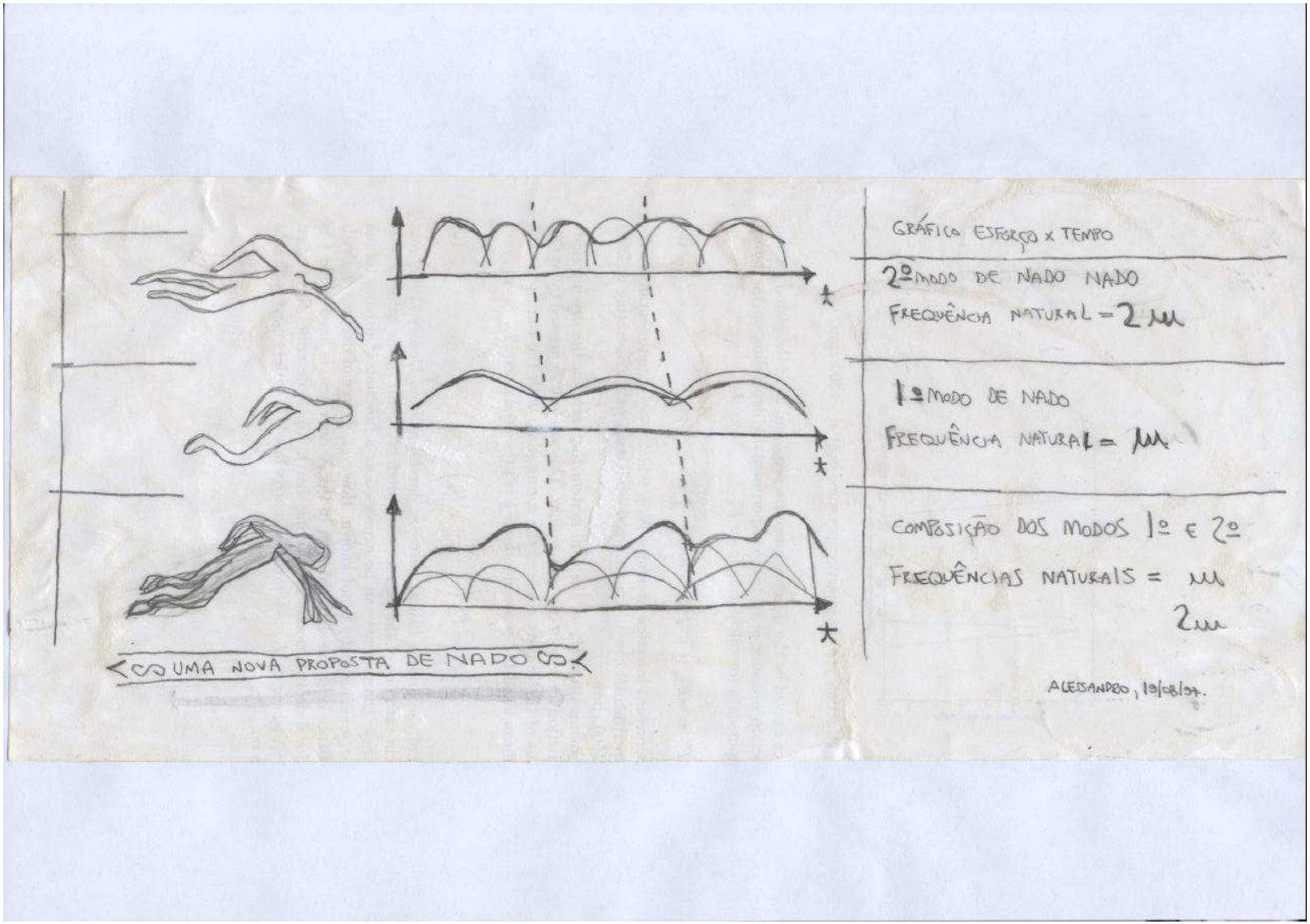
Ele estava mal vestido, como sempre. O espelho, com o qual ele conversava, dizia que não. Mas ele era cego de não ver a diferença entre o homem do banco e aquele que o assalta. E de não entender o que via, ele era, de quebra, burro.

Quando trabalhava de pintor, e resolveu distribuir a tinta na parede com a forma do que pensava, recebeu férias sem fim como recompensa. E passou a tarde inteira olhando para o céu.

Seu desejo de voar não parecia ser menos acessível que arrumar outro emprego. Jogar bola, torcer para o Flamengo ou para o Corinthians era a mesma coisa. Como fazer exercício. Sua mulher ainda servia o arroz com feijão. Mas andar no ônibus lotado, com tantos carros nas ruas, era sempre um risco.

E no túnel, para atravessar de um lado à outro, quando o assaltante pediu dinheiro, ele disse que não tinha. Aquele ofereceu uma bala amarga e sem tempo para recusa. Ele derreteu-se em luz. Olhou em volta e as gaivotas sorriam. E então foi só bater as asas para longe.


— MECANISMO DE ASA EM TESOURA FORMA DE


GRÁFICO ESFORÇO x TEMPO
2º MODO DE NADO NADO
FREQUÊNCIA NATURAL = 2 ω
1º MODO DE NADO
FREQUÊNCIA NATURAL = ω
COMPOSIÇÃO DOS MODOS 1º E 2º
FREQUÊNCIAS NATURAIS = ω
2ω
ALESSANDRO, 19/08/94.
UMA NOVA PROPOSTA DE NADO

O Chamado

Morando tempestuosamente distante de tudo o que mais interessava é que Pedro podia dedicar-se a arte de fazer aquilo que achava que devia ou não como diria Caetano Veloso. As galinhas e os galos que ficavam no cercado praticamente ocupavam todo o seu dia. Todo o ritual da criação. Passando por acordar cedo, fazer o café, coletar os ovos, ir à venda, alimentar a granja e depois ele próprio. Fumar o cigarro e relaxar depois do almoço. Consertar algo que inevitavelmente o tempo encarregava de colocar fora do seu devido lugar. Ou o ritual da manutenção como diria Caetano Veloso. E então Pedro dentro de seu firme propósito de vir a ser o que ele mesmo é continuava fazendo tudo aquilo que era necessário para que o seu dia fosse irremediavelmente igual ao anterior.

Escorrido dentro de um prato de Pedro certa vez um ovo que era para ser frito era o ovo de um cachorro. O estranhamento de Pedro só foi maior depois que outro chocou para finalmente vir a ser o primeiro cachorro nascido de um ovo. E o ovo tinha pêlos. Pedro ficou intrigado e dividiu sua surpresa com o dono da venda. Ele disse para o outro deixar de procurar o que já tinha achado mas já era tarde demais. Os caras do bar riam de Pedro e dos cães nascidos de ovos que o seguiam até a venda e serviam de prova viva para a descrença inevitável que o destino guardou para ele. As crianças e a mulher acreditavam nele por que também viam os cãezinhos nascendo de ovos. As crianças apoiavam fervorosamente as histórias de Pedro e também compartilhavam do riso inocente de todos aqueles que ouviam as falas de Pedro, como se tivessem que provar que é possível divertir-se em qualquer situação. A mulher mostrava-se indiferente. Achava simplesmente que não tinha de se meter com isso.

E quando Pedro, sua granja e seus cachorros eram mais do que aquilo que a mulher achava que tinha de se meter, a mulher pegou as crianças e deu o pé na bunda de Pedro. Fugiu com Antonio que era do caminhão de leite da fazenda vizinha para vir a ser o que sempre foi. E ninguém tinha de se meter com isso. É claro que Pedro foi por um tempo mais feliz e sabe-se lá por que. O fato é que os anos passaram-se e nada mudou até aquela tarde de domingo.

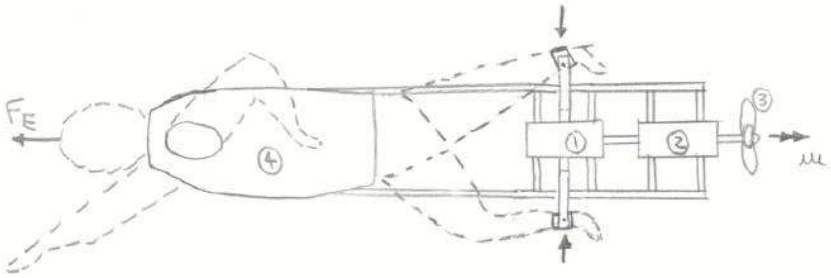
Pedro foi à venda e pediu uma cerveja que ele dividiu com mais dois amigos que esforçavam-se em escutar mais uma vez a história e o fedor dos cachorros rodeados de moscas em troca de um copo de cerveja gelada. E para alimentar o que poderia vir a ser o copo seguinte os amigos tinham de gargalhar com vontade. Para mostrar o que sempre foram. Mas daquela vez nenhum dos dois riu. E então os cães uivaram como nunca se viu e na cabeça embriagada de Pedro era como se gargalhassem eles enfim. Como se tivessem pregado a última grande piada. A piada da vida deles, nascidos de ovos de pêlos, como os empanados que Pedro pagava para os amigos incrédulos e como o leite da mulher e das crianças indiferentes. Ninguém dava-se ao trabalho e então Pedro teve a grande iluminação de que ele é que deveria tomar a dianteira.

Pedro foi até a porta da venda e sentou no banco de onde ele podia ver toda a paisagem que sempre foi a de domingo de sol nas fazendas de lá. E ele já tinha visto aquilo por todos estes anos. Pedro passou as costas da mão direita sobre a testa suada de mais uma performance da arte do convencimento e ele achava que finalmente tinha conseguido o que sempre quis. Havia sido enfim uma atuação perfeita e ninguém mais tinha de se meter com isso. Pedro pediu de fora uma dose de cana e acendeu o cigarro para relaxar ou contemplar melhor a paisagem como diria Caetano Veloso. Só então ele acenou aos cães com o braço direito estendido. Eles rosnaram como se aguardassem o sinal em jejum desde que quebraram suas cascas para mascar os pescoços suculentamente tratados de cerveja dos dois companheiros risonhos.

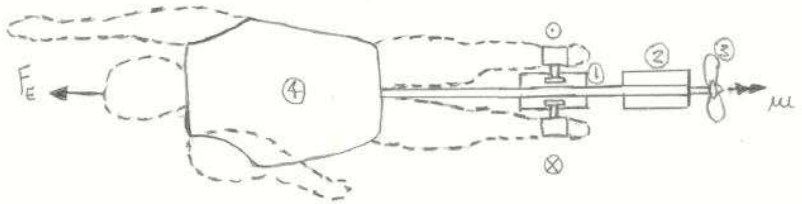
Os cães nunca foram ao enterro dos pinguços por que participaram de seus próprios funerais. Pedro encontra sempre com as crianças que agora crescidas também trabalham na fazenda vizinha. Pedro cuida das galinhas e galos do cercado. A mulher quis voltar mas Pedro não quis saber. Como diria Caetano Veloso, ele não tinha nada que se meter com isso.

Alessandro, 30/11/97.

NADADEIRA HELICOIDAL DE PERNAS:

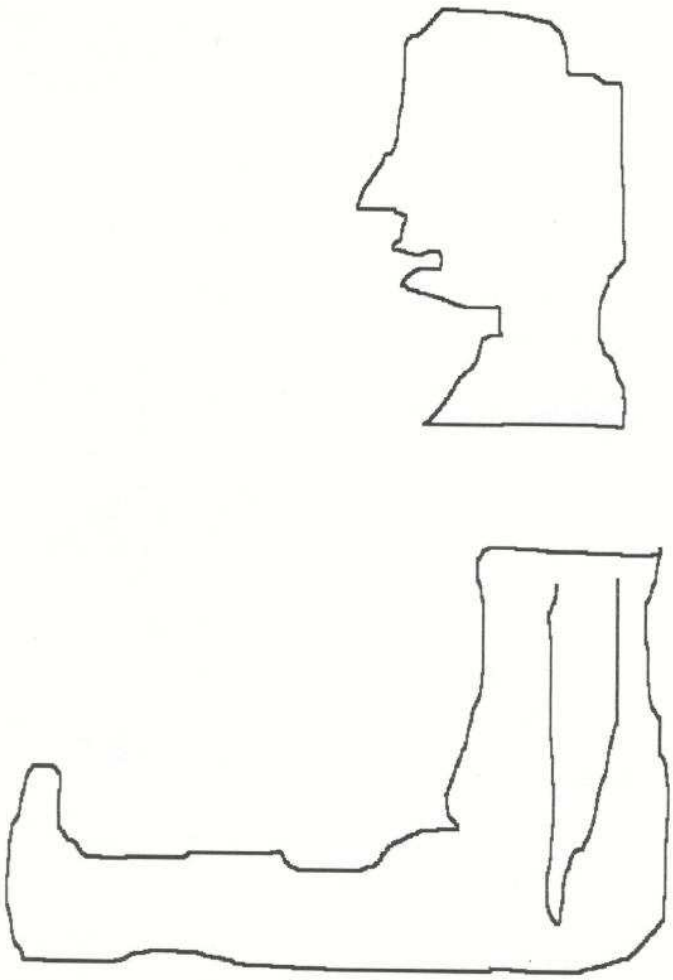


① DIRECIONADOR DO SENTIDO DE ROTAÇÃO.
② REDUTOR DE VELOCIDADES.
③ HÉLICE
④ COLETE DE FIXAÇÃO



- DIRECIONADOR DO SENTIDO DE ROTAÇÃO.
- POTÊNCIA MÉDIA P_m DO BATIMENTO DE PERNAS.
- ROTAÇÃO ω DA HÉLICE QUE PERMITA A MÁXIMA FORÇA DE EMPUXO F_E PARA P_m.

ALESSANDRO, 03/05/94.



Poesia Revisitada Do Que

Alessandro Teixeira Neto, junho de 1997

1

A poesia é sem fim.

10

A cada dia somos
um dia a mais
e um pouco mais
nós mesmos.
E disso implica
em zelarmos por isso.
Para que o que
aqui se processa
seja mais e mais
legítimo e natural
da gente.

11

De tempos em tempos
as coisas tornam a ocorrer.
E de tempos em tempos
somos levados a pensar sobre isso.
A coincidência é ignorante dela mesma.

100

Contanto que corra bastante,
de modo a adquirir boa velocidade,
contanto que o formato ajude,
como que levitação,
decola.

101

Vocês que são os atores
do teatro da vida.
A pena de vocês é grande.
Como flores cortadas em
um ramalhete da terra.
A vida não é representação.
E o teatro é dos artistas.

110

Uma quase flor é uma que
ainda não desabrochou.
Uma folha que antes
caule,
seiva,
humus.

111

Definitivamente
o sol é rei.
O organismo do homem
é semente.
A cabeça do homem
é semente.
O pé do homem
é semente.
E do chão cresce
a semente de girassol
à procura dele.

1000

Os caras de terno branco parecem bem vestidos
nos bares chiques das cidades grandes.
Nas cidades pequenas assistem t.v.
Enquanto que na roça,
essa hora já foram dormir.
Acordam às quatro,
almoçam às dez
e jantam às seis.

1001

Ratoeiras molhadas.
Ratos elétricos em curto.

1010

O escrito caminho traçado
às vezes é surpresa.
Lesma que cruza a areia
deixa rastro,
afinal, anda.

1011

Uma questão de múltipla escolha é proposta:
(a)para prosseguir,
(b)para prestar atenção,
(c)observar dos lados,
(d)de dado,
(e)nenhuma das alternativas anteriores.

1100

Contra a estranheza do céu de noite
só as nuvéns, as estrelas e a lua surgindo.
Somos menor que formigas,
e não sabemos.

1101

Quem consegue o que insiste pensar:
Coincidência do pensamento e da ação.
Ato físico ensaiado mentalmente.
Fosfosol e Biotônico Fontoura.
Bolo de cenoura e óleo de fígado de bacalhau.

1110

A construção simétrica das palavras
que pôde ser observada aqui
corrompe-se para vir a ser veja
um copo e outro carro atravessando
a rua elado com força muito mais
até espanar as idéias.

1111

Se os elos dos átomos de cá
são finos de romper,
que rompam,
derramem como água de copo
e vão espalhar prá lá.

10000

As chinelas propiciam a possibilidade de andar.
Simplesmente estar ou não em lugares distintos,
em tempos diferentes.
Sem elas, o direito de ir e vir não se aplicaria
e não haveria movimento.

10001

Ontem esteve muito bom.
Como se flutuássemos de mãos dadas
sobre um campo de flores
- outros chamariam de paraíso.
E hoje vesti a fronha
do travesseiro que você dormiu.
Como que para roubar
seu cheiro ...

10010

Abóboras flutuam em rolhas imersas em rios.
Sustentáculos ou tampas de vinhos marrons.
Mexericas sem cascas e inchadas,
mais lisas e brilhantes,
de sabores diferente,
são as abóboras naufragas.
Restos de sobre-mar a serem devorados por cavalos-marinhos.

10011

Olhou para o alto tão rápido quanto pôde. E depois preferiu fechar os olhos. Tamanha a surpresa e repugnância que causava o fato. Crianças correram para longe como lebres ariscas. Gansos, patos e marrecos nadaram para longe. Até as tartarugas em sua tranquilidade de agir mostraram-se apressadas. Fugiram. Sobrou o cidadão estarrecido. Resto das batalhas do dia à dia; sedento de água. Talvez ele não tivesse mais energias. Talvez ele ainda tudo pudesse. Fato é que permaneceu alí parado. Quieto. Surdo ou ouvindo o que quer que fosse. Não se sabe. Mas mudo. Talvez aquilo fosse o que ele sempre quis dizer. Ou peido não dado. Fato é que foi estranho e tenso. E é melhor não falar sobre isso ...

10100

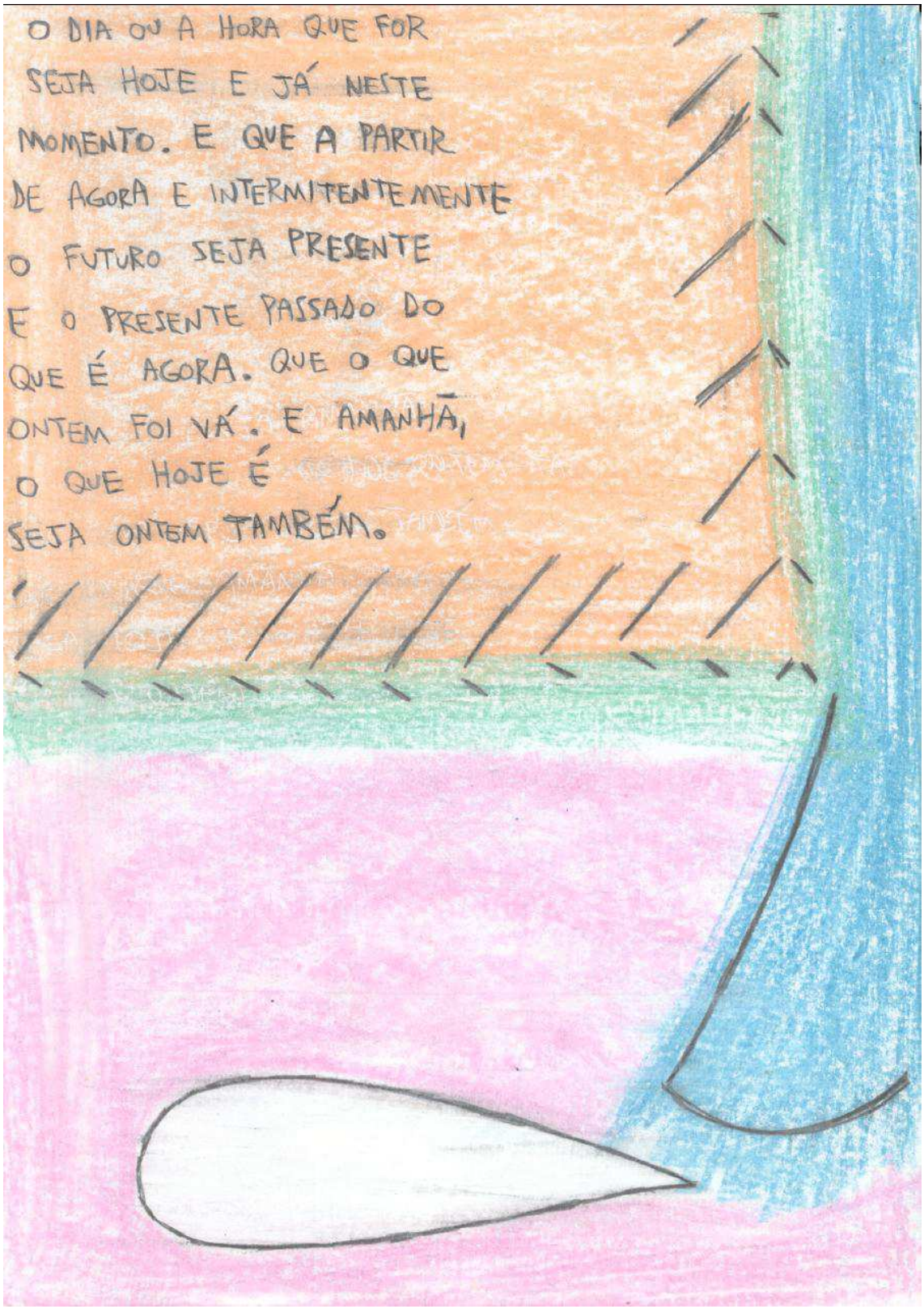
A cabeça com as asas de abanar dos lados
podem levar o cidadão para viagens longas
e distantes do que pode ser visto aqui.
Permitem o vôo rasante para os interstícios dos neurônios,
em lugares onde a mente deixa o descansar do pensamento
sobre redes fixas à eles.
Como o bater das asas da cabeça para o alto,
muito alto.
Até lá onde a Terra pode ser confundida
com côco verde sem canudo.
Dessa altura, ou daquela deitada
em redes entre neurônios à descansar,
é possível imaginar que não,
ou talvez apenas divagar.

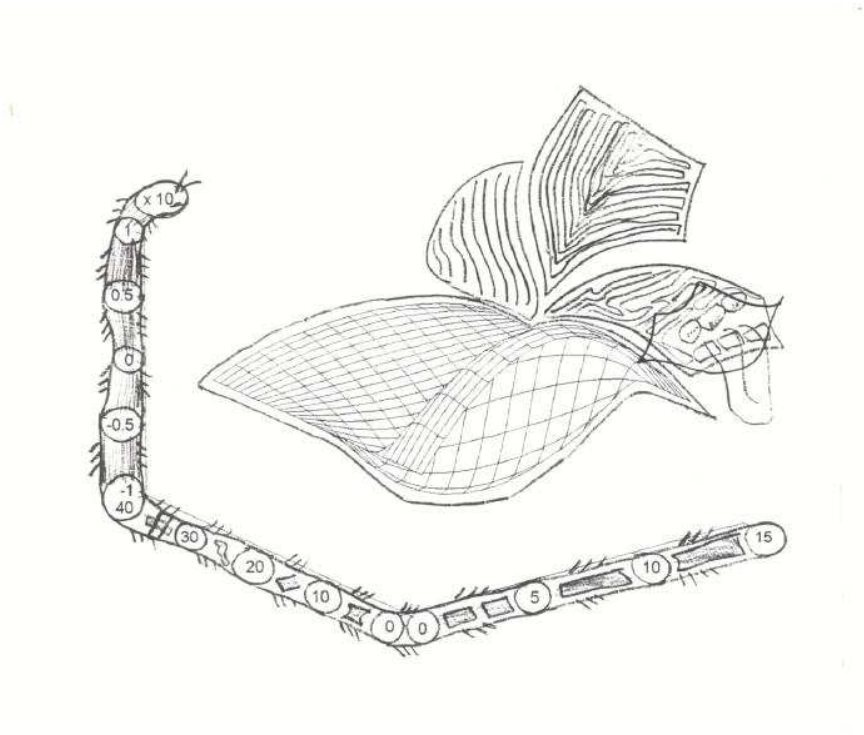
10101

Quando não se pode jogar
um mata-mata de xadrez,
ou nuvem, ou outra coisa,
vara de pescar longe
peixe de luz - arraia -
ou peixe de fogo - aranha.
Carros que deslizam sem atrito,
como o consumo da mínima energia.
O que foi e o que ficou
é a soma do passado e do presente,
o conjunto do que foi vivido.
E o futuro é o complementar,
o que sobra da subtração:
subterfúgio, superman, semente.
O gráfico do crescimento da população humana.

10110

Aqui termina o que começou Aqui


O DIA OU A HORA QUE FOR
SEJA HOJE E JÁ NESTE
MOMENTO. E QUE A PARTIR
DE AGORA E INTERMITENTEMENTE
O FUTURO SEJA PRESENTE
E O PRESENTE PASSADO DO
QUE É AGORA. QUE O QUE
ONTEM FOI VÁ. E AMANHÃ,
O QUE HOJE É
SEJA ONTEM TAMBÉM.


x 10
1
0.5
0
-0.5
-1
40
30
20
10
0
0
5
10
15

Quando eu gritar
Com toda a sonoridade
De uma borboleta
Será que você vai me ouvir?
Se não tendo asas,
Meu vôo e tão rente ao solo,
Imperceptível aos olhos,
Será que o é a você?
Das profundezas do mar
Minhas guelras permitem
Salgar a ausência
Do oxigênio que você respira.
Por que pouco me importa também
Quem você pensa que sou.
Meu coração espelho irradia,
Transborda e envolve.
Mas se do canto dos olhos
Uma lágrima me corre,
É por você.

As idéias
Como os cometas
Viajam em lampejo
De um único instante.
Captado o exato momento
Brilho raro
Ou rebento – de luz.
Se perdido da visão
Arco-íris de pensamento
Manhã de dois olhos
Assim como as ondas suaves
De um mar caribenho.
Meu coração em aperto
Sigo sempre sozinho.

Entrego o que escrevo para o leão ler por que na cabeça dele o olhar é vesgo e ele não entende as palavras.

Nas praças, olho para as árvores almejando apreciar o que transcende a elas – além e atrás. Resta a dificuldade de enxergar através das folhas.

Talvez seja por isso que eu escrevo para o leão. No fundo, eu e ele sabemos que a melhor forma de comunicação é o fingimento de uma compreensão forjada na preguiça de entender.

Estados do Ser:

Um Estudo Metafísico da Alma, da Consciência e da Existência e os seus Paralelos com os Estados de Agregação de uma Substância Pura.

me.ta.fí.si.ca *sf* (*lat med metaphysica*)
1 Ciência do supra-sensível. **2** Parte da Filosofia que estuda a essência dos seres. **3** Inventário sistemático de todos os conhecimentos provenientes da razão pura. **4** Conhecimento geral e abstrato. **5** Sutileza ou transcendência no discorrer.

al.ma *sf* (*lat anima*)
1 Nome que exprime vagamente a causa oculta dos movimentos vitais; princípio, força vital, princípio sensitivo e intelectual, vida. **2** *Filos* Princípio imaterial da vida, do pensamento e da ação. **3** Coração, peito, considerados como centro de afetos, de paixões; consciência; tudo o que dá vigor, força, expressão, não só no físico, mas também no moral. **4** *Teol* Substância incorpórea, imaterial, invisível, criada por Deus à sua semelhança; fonte e motor de todos os atos humanos. **5** *Teol* Essa substância, quando separada do corpo. **6** Pessoa, considerada como dotada de afetos e paixões: *É boa alma* (= *pessoa boa*). **7** Indivíduo, pessoa: *Não havia lá viva alma.* **8** Núcleo, seio, parte central, âmago.

cons.ci.ên.cia *sf* (*lat conscientia*)
1 Capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações. **2** *Rel* Testemunho ou julgamento secreto da alma, aprovando ou reprovando os nossos atos. **3** Cuidado extremo com que se executa um trabalho. **4** Honradez, retidão. **5** Conhecimento. **6** *Psicol* Percepção imediata da própria experiência; capacidade de percepção em geral.

e.xis.tên.cia *sf* (*lat existentia*)
1 Estado do que subsiste. **2** Fato de existir. **3** Vida: *Devemos amar a quem nos deu a existência.* **4** Destino. **5** Modo de vida. **6** Realidade. **7** Ente, ser.

es.ta.do *sm* (*lat statu*)
1 Modo de ser ou estar. **2** Condição, disposição. **3** Modo de existir na sociedade; situação. **4** Situação em que se acha uma pessoa. **5** *Fís* Maneira de ser que a matéria ponderável apresenta: *Estado sólido, líquido, gasoso.*

subs.tân.cia *sf* (*lat substantia*)
1 Aquilo que está por baixo e constitui a base de todas as propriedades e qualidades, não só materiais, mas também espirituais. **2** Aquilo que subsiste por si, sem dependência de quaisquer outros elementos acidentais. **3** A matéria de que se formam os corpos. **4** A parte mais nutritiva dos alimentos. **5** Suco que se extrai de certos corpos alimentícios. **6** Realidade, virtude ou propriedade real. **7** O que há de essencial e importante num ato, num escrito, num negócio. **8** Resumo essencial. **9** O que há de melhor, de excelente, de principal, de essencial; síntese. **10** Conceito, sentido. **11** A essência; a parte mais pura e mais particularmente apta para algum uso. **12** O que é absolutamente essencial para a nutrição, para a vida. **13** A principal força, poder ou riqueza da terra, da nação. **14** Força, robustez, vigor.

só.li.do *adj* (*lat solidu*)
1 Que tem forma própria (contrapõe-se a *líquido* e *gasoso*). **2** Que tem corpo ou consistência; que não é oco nem vazio ou leve. **3** Que está bem fundamentado; que tem base; efetivo, real. **4** Que tem constituição forte; cheio, robusto. **5** Que não está muito sujeito a falhar; firme, seguro. **6** *Mat* Corpo que tem as três dimensões (comprimento, largura e altura). **7** O que tem bons fundamentos. **8** O que não é vazio nem superficial.

lí.qui.do *adj* (*lat liquidu*)
1 Que flui ou corre, tendendo sempre a nivelar-se e a tomar a forma do vaso que o contém. **2** Xaroposo, viscoso. **3** Bebida ou alimento líquido. **4** Humor orgânico.

gás *sm* (*fr gaz*,a partir do *gr kháos*)
1 *Quím* Substância muito fluida e em estado de agregação aeriforme, que enche uniformemente qualquer espaço em que se encerre. **2** Animação, desembaraço. **3** Bazófia, presunção.

Este estudo não tem como intuito estabelecer cientificamente a interação de estados abstratos e ainda incompreendidos em sua totalidade – alma, consciência e existência – mas num nível anterior, auxiliar na expansão desta compreensão dos estados através de uma analogia simples, simbólica e poética.

São três as fases ou estados de agregação de uma substância pura. A mesma pode apresentar-se nos estados sólido, líquido ou gasoso. O estado sólido caracteriza-se por apresentar-se com volume e forma definidos. A fase líquida apresenta o volume definido, adequando-se à forma do recipiente que o contém. Por sua vez, o estado gasoso caracteriza-se por adequar-se ao volume e à forma do meio.

Neste sentido são três os paralelos dos estados de agregação da *substantia*:

O paralelo *solidu-existentia* caracteriza a analogia da existência, enquanto "estado do que subsiste", com a fase sólida, representando metaforicamente aquilo ou aquele "que tem constituição forte; cheio, robusto". Forma e volumes definidos são características de existência.

O paralelo *liquidu-conscientia* representa a analogia da consciência, "a percepção imediata da própria experiência; capacidade de percepção em geral", com o estado líquido, ou seja "o humor orgânico". Neste sentido, descreve-se a consciência como a fase "que flui ou corre, tendendo sempre a nivelar-se e a tomar a forma" da existência que a contém.

Finalmente, o paralelo *kháos-anima* caracteriza-se pela analogia da alma, ou seja o "princípio imaterial da vida, do pensamento e da ação", com o estado gasoso de "animação e desembaraço". Considera-se assim a alma como "substância fluida e em estado de agregação aeriforme" que permeia o universo.

Uma vez definidas estas analogias para os estados do ser, é possível, ainda que metaforicamente, analisar os mecanismos de mudança de fases.

Os mecanismos de mudança de estado para uma substância pura recebem as denominações mostradas na Figura 1.



Figura 1 – Mudanças de Estado de uma Substância Pura

Com o auxílio das analogias *solidu-existentia*, *liquidu-conscientia* e *kháos-anima* é possível ilustrar-se simbolicamente os mecanismos de mudança de fase do ser, conforme esquematizado na Figura 2.



Figura 2 – Mudanças de Estado do Ser

Particularmente interessante é a análise do mecanismo de sublimação, que metaforicamente representa as manifestações de materialização, os milagres e a ação da intuição sobre o ser.

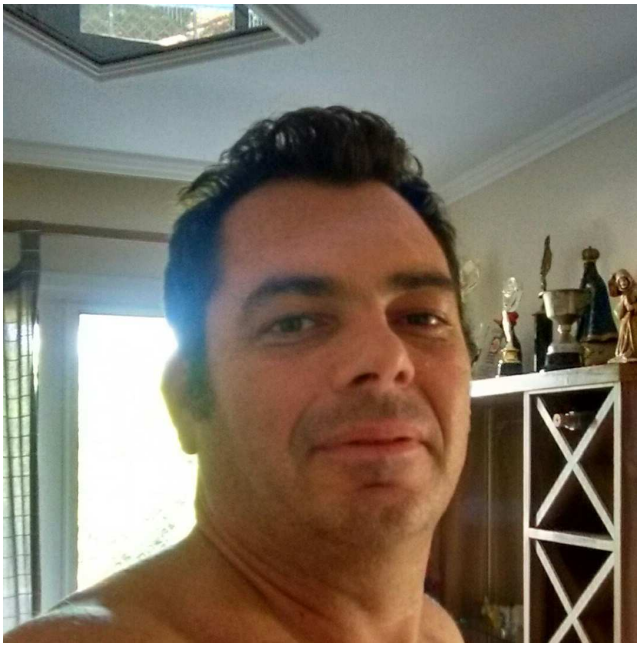
Estes paralelos, ainda que não expliquem tais fenômenos, deixam em aberto a viabilidade dos mesmos.

Alessandro, 21/07/2001

O artigo primeiro garante a estabilidade do pensamento. E sendo ele leve, ainda é possível que seja bom e útil aos outros. É interessante que este tipo de idéia tenha como premissa a iniciativa atuante no exato sentido da necessidade das pessoas e indo de encontro aos objetivos comuns do inconsciente coletivo. Só assim é possível ter-se certeza de tudo aquilo que está sendo proposto. Qualquer outra vertente ou deslize pode ser tarde demais. E o inferno está cheio de boas intenções.



Sobre o autor



Jorge Xerxes – heterônimo de Alessandro Teixeira Neto – é pisciano; nascido no ano de 1971.

Natural de São João da Boa Vista, SP; *"cresci ao pé da serra da Mantiqueira; por entre trilhas e cachoeiras; sempre em rota de colisão àquele verde inconcebível"*.

Estudou por pouco mais de dez anos na Unicamp; *"tinha o meu próprio ritmo de assimilar as coisas"* diz com um sorriso enigmático no canto da boca.

Interessa-se por tudo aquilo que nos passa desapercebido; *"gosto de escrever sobre as coisas pequenas"*.

Mantém o blog *"Palavras Órfãs de Poesia: O que Restou"*, desde Dezembro de 2008. https://jorgexerxes.wordpress.com/

"O Livro Do Que" é o seu quinto livro.

Publicou também:

"As Cinquenta Primeiras Criaturas", Livro de Contos e Poesias, 150 pp, Editora Multifoco, ISBN: 978-85-7961-109-4, (2010).

"Para Pescar a Lua", Livro de Contos e Poesias, 138 pp, Ryoki Inoue Produções, ISBN: 978-85-63427-09-0, (2011).

"Trama e Urdidura"; Livro de Contos, Crônicas e Poesias; 156pp; Scortecci Editora; ISBN: 978-85-366-2764-9; (2012).

"Jornada Rumo ao Sol"; Livro de Contos e Poesias; 132pp; Scortecci Editora; ISBN: 978-85-366-4181-2; (2015).